

As edições escolares da Texto

Catarina da Silva Duarte

**Relatório de Estágio de Mestrado
em Edição de Texto**

Março de 2016

As edições escolares da Texto

Catarina da Silva Duarte

**Relatório de Estágio de Mestrado
em Edição de Texto**

Março de 2016

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação
científica do Professor Doutor Fernando Cabral Martins

*Aos meus avós, cujas circunstâncias não lhes permitiram
ter o que eu tive: o direito à educação.*

Agradecimentos

Aos meus pais, irmão e família, pelo apoio incondicional nas alturas mais difíceis.

Aos meus amigos, pela paciência e presença, e por não deixarem de acreditar em mim e nas minhas capacidades.

A toda a equipa da Coordenação Editorial da Texto Editores, pela confiança depositada em mim e pelos excelentes colegas que foram nestes últimos meses.

À minha orientadora na Texto, Cristina Ferreira, por todo o seu apoio e pela oportunidade que me deu em conhecer melhor o mundo das edições, nomeadamente, o das edições escolares.

À Ana Cristina Ferreira, do Gabinete de Estudos e Projetos Escolares, pela compreensão e presença sempre nas horas mais árduas.

Um agradecimento especial à Conceição Candeias, por todos os ensinamentos, diálogos e trocas de ideais sobre o mundo da revisão.

A todas as pessoas da LeYa, principalmente do Departamento de Produção e dos Recursos Humanos, que contribuíram para a minha integração nesta grande casa editorial.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao Professor Fernando Cabral Martins, pela paciência, apoio e acompanhamento ao longo de todo o Mestrado e durante estes últimos meses.

As edições escolares da Texto

Catarina da Silva Duarte

Palavras-chave: Texto, Leya, edições escolares, estágio, relatório.

Resumo: No presente Relatório de Estágio são descritos os conhecimentos que adquiri sobre a área das edições escolares, assim como as atividades e tarefas por mim efetuadas durante o estágio curricular realizado entre outubro de 2015 e março de 2016 na Texto Editores, atual Texto, pertencente ao Grupo Editorial LeYa.

Para além disso, sendo a Texto uma editora cujo foco principal são as edições escolares, ao longo do relatório são abordados tópicos cujo tema principal é, também ele, as edições escolares. Começando por uma breve descrição da editora e da sua representação no mercado editorial escolar português, assim como uma breve abordagem de algumas questões importantes sobre este mercado. Seguindo, depois, para uma descrição do percurso de produção de um livro escolar, chegando, por fim, à descrição das tarefas realizadas durante o estágio.

Keywords: Texto, Leya, school textbooks publishing, internship, report.

Abstract: In the present report is described the knowledge I acquired about the textbook publishing industry, as well as the activities and tasks given to me during the curricular internship taken from October 2015 to March 2016 at Texto, currently belonging to LeYa Editorial Group.

Besides, being Texto a publisher whose main focus are school textbooks, throughout this report, the topics addressed are also mainly focused on textbook publishing. Beginning with a brief description of Texto and its representation in the textbook industry, as well as a brief approach of a few important questions about this market. Following right after with a description of the course of production of a school textbook and, finally, describing some of the tasks given to me during the internship.

Índice

Introdução	1
1. LeYa – a história	2
1.1. O Grupo LeYa	2
1.2. A Texto	3
2. O Mercado Escolar	5
2.1. A qualidade e a quantidade	5
2.2. O preço	6
3. O percurso de um livro escolar	8
3.1. As fases de elaboração	8
3.1.1. Pré-produção	9
3.1.2. Produção	11
3.1.3. Pós-produção	14
3.2. Reimpressões e reedições	16
4. O estágio	18
4.1. O início	18
4.2. O prolongamento	23
Conclusão	29
Bibliografia	31
Anexos	33

Introdução

O presente relatório é o resultado de toda a aprendizagem e conhecimentos que adquiri ao longo dos cinco meses de estágio na Texto, anteriormente designada por Texto Editores, umas das editoras escolares pertencentes ao Grupo Editorial LeYa.

Como componente não letiva do Mestrado de Edição de Texto, a escolha da realização do estágio curricular foi óbvia para mim, pois queria pôr em prática tudo aquilo que aprendi ao longo do mestrado, assim como ganhar experiência profissional na área de edição de livros.

Sendo que os alunos têm a liberdade de escolher o local de estágio, confesso que um dos principais fatores na minha escolha foi a proximidade da minha zona de habitação. Felizmente, tinha muito por onde escolher, desde editoras de livros, a publicações não periódicas, como jornais e revistas, ou até mesmo gráficas.

No entanto, a minha escolha sempre se focou mais nas editoras. Tinha alguma curiosidade em realizar o estágio numa editora de livros escolares ou de banda desenhada. Porém, como pensei que fosse mais difícil obter alguma resposta nestas áreas, decidi alargar a minha procura para as edições gerais também. Qual foi o meu espanto quando recebi uma resposta por parte da LeYa a questionar-me se estaria interessada em realizar o estágio na Texto, uma das editoras escolares pertencentes à LeYa. Aceitei a proposta sem hesitar.

Um dos motivos para o meu interesse nas edições escolares, ou na banda desenhada, é a sua complexidade durante a produção dos livros, para além de querer obter um maior conhecimento sobre estas áreas, que são poucas vezes abordadas durante as aulas.

Portanto, como o estágio que realizei teve lugar numa editora escolar, neste relatório todos os temas e tópicos abordados estarão relacionados com as edições escolares. Deste modo, começo por fazer uma breve descrição do grupo LeYa e da Texto, assim como um breve enquadramento do mercado editorial escolar em Portugal e dos seus aspetos mais relevantes na educação. De seguida, descrevo as atividades e as tarefas que executei durante o estágio, tendo em conta a complexidade da produção de um manual escolar e tudo o que é necessário para a elaboração do mesmo.

1. LeYa – a história

1.1. O grupo LeYa

A LeYa iniciou oficialmente a sua atividade em 2008 e tornou-se, desde logo, num dos maiores grupos editoriais de Portugal ao integrar algumas das mais prestigiadas editoras do país. Atualmente, é líder no mercado de edições gerais e ocupa uma posição de coliderança no mercado das edições escolares, juntamente com a Porto Editora, fundada em 1944. A nível internacional, a LeYa encontra-se presente nos mercados editoriais do Brasil, Angola e Moçambique, atuando nas áreas das edições gerais, edições escolares e ensino à distância.

No início, a LeYa era composta por oito editoras, sendo elas, para além da própria marca LeYa, as portuguesas ASA, Caminho, Gailivro, NovaGaia e Texto, a angolana Nzila e a Moçambicana Ndjira, sendo que a Texto também se encontra presente em Angola e Moçambique. Atualmente, para além destas, a LeYa é constituída por um total de 22 chancelas, das quais fazem parte, igualmente, a Academia do Livro, a BIS, a Caderno, a Casa das Letras, a D. Quixote, a Estrela Polar, a Livros D’Hoje, a Lua de Papel, a Oficina do Livro, a Quinta Essência, a Sebenta e a Teorema, incluindo a Casa da Palavra e a Alumnus no Brasil, estando também presentes a Lua de Papel e a LeYa Brasil.

A integração de todas estas editoras no grupo LeYa não alterou a identidade de cada uma delas, pois não só as suas características próprias se mantêm, como continuam a desenvolver as suas publicações de forma autónoma e independente. Contudo, esta integração permite uma partilha de sinergias ao nível da produção, logística e áreas de suporte. Tudo isto é possível por as editoras partilharem os mesmos espaços físicos, o que facilita a comunicação entre elas.

Uma grande parte das chancelas pertencentes à LeYa encontra-se instalada na Sede do grupo, em Alfragide. No entanto, a LeYa também tem instalações em Serzedo, Vila Nova de Gaia, e um Centro de Operações Logísticas no Montijo, onde se encontra o armazém da empresa. Fora de Portugal, possui ainda instalações em Talatona, Angola, em Maputo, Moçambique, e na Bahia, Santana e Pernambuco, no Brasil.

Em relação às livrarias, a LeYa detém onze por todo o país, incluindo Madeira e Açores, sendo que três delas são em regime de parceria, para além das livrarias em Moçambique e Angola, sendo estas últimas ainda pertencentes à Texto. Possui também uma livraria *online*, a Leyaonline, que vende livros tanto em suporte físico (livros em papel), como em suporte digital (ebooks).

As novas tecnologias são, aliás, um dos principais investimentos da LeYa, destacando, sobretudo, a sua aplicação na Educação, apostando em plataformas de conteúdos digitais, sistemas de ensino e de gestão escolar, e ainda no ensino à distância, nomeadamente a UnYLeYa. Esta plataforma digital é um dos projetos mais recentes da LeYa, criado em 2011, com o principal objetivo de promover o *e-learning* em português através de uma oferta educativa e formativa de qualidade e certificada, seja para alargar os conhecimentos ou desenvolver as qualificações profissionais.

1.2. A Texto

«Fundada há mais de trinta anos, a Texto iniciou a sua atividade com a conceção e publicação de manuais escolares, mas cresceu para se tornar numa editora de referência da língua portuguesa nas áreas de não-ficção e infanto-juvenil, assumindo-se com uma marca de e para o Conhecimento.»¹

Dentro da LeYa há cinco editoras que, para além de publicarem livros de outras áreas, têm como principal área de publicação as edições escolares, sendo estas a ASA, a Gailivro, A NovaGaia, a Sebenta e a Texto.

Em conjunto, estas cinco editoras publicam manuais escolares para todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar ao secundário e ensino profissional, livros de apoio escolar, como dicionários, livros de preparação para exame, provas de aferição, livros de revisão, entre outros. Oferecem, também, livros de apoio ao professor, incluindo planificações, guiões de exploração, recursos para aulas de substituição, *PowerPoints*, assim como conteúdos digitais educativos.

¹ Apresentação da Texto no *site* da LeYa.

Apesar de todas estas editoras pertencerem à LeYa, é importante sublinhar que todas têm o mesmo objetivo: serem líderes no mercado escolar. Para tal, é necessário investirem na inovação e no rigor, de modo a apresentarem projetos de qualidade e que se destaquem pela positiva. De um certo modo, tudo isto faz com que continue a existir um certo grau de rivalidade entre elas.

Em relação à Texto, a sua maior rival é a ASA, pois uma grande parte dos seus projetos está relacionada com o ensino básico e secundário, tal como a Texto, sendo que a Gailivro e a NovaGaia são editoras vocacionadas para o pré-escolar e o primeiro ciclo do ensino básico, e a Sebenta destaca-se nos manuais de apoio escolar.

No entanto, fora da LeYa, a Texto tem ainda que se preocupar com uma outra grande rival: a Porto Editora. A Porto Editora tem sido líder no mercado das edições escolares desde que começou a sua atividade em 1944, e, desde que se tornou no grande grupo editorial que é atualmente, com a integração da Areal Editores e da Raiz Editores, a Porto Editora aumentou bastante a sua presença no mercado editorial português. Contudo, nos mercados emergentes de Angola e Moçambique, em que a Porto Editora também está presente através da Plural Editores, esta tem perdido destaque para a Texto Editores, cuja forte presença no mercado tem aumentado desde que começou a colaborar com a LeYa.

2. O mercado escolar

São muito poucos os estudos feitos em Portugal que revelam a situação do mercado editorial das edições escolares. O estudo mais “recente” que revela o panorama e reflete sobre o mercado do livro escolar em Portugal foi publicado pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) em Dezembro de 2005.

Neste estudo, realizado pela Comissão do Livro Escolar da APEL, é desconstruído um mito que já na altura estaria enraizado e ainda hoje perdura, o de que as edições escolares constituem um “negócio de milhões”. Segundo estimativas feitas em 2004, o mercado das edições escolares representaria cerca de 56 milhões de euros, valor este que é repartido por todas as editoras escolares nacionais. Comparando com as faturações anuais de três grandes grupos internacionais que em 2005 tinham cotas de mercado em Portugal entre os 2% e 10%, como a Santillana (357.363.000€), a Oxford University Press (533.745.552€) e a Pearson Education, o maior grupo editorial do mundo, (3.435.804.702€)², pode-se dizer que as nossas editoras nacionais são apenas pequenas empresas neste “negócio de milhões”, o qual, no entanto, não deixa de ser um negócio de milhões no contexto da edição portuguesa.

2.1. A qualidade e a quantidade

«Muito dificilmente haverá atividade na qual o produto final é sujeito a uma avaliação tão apurada como a que os livros escolares enfrentam [...]»

(APEL, 2005)

Os livros escolares, antes de serem adotados pelas escolas, são analisados e avaliados previamente por milhares de professores, de forma a escolherem os que se adequam melhor ao projeto educativo das respetivas escolas.

² Todos os dados e valores apresentados são referentes ao estudo realizado pela APEL, em 2005, sendo que, para o ano de 2014, a Santillana teve lucros anuais de €428,4 milhões, apenas no setor da Educação, a Oxford University Press teve, em 2015, lucros de cerca de €990 milhões, e a Pearson Education, €5,768 milhões, mantendo-se esta como o maior grupo editorial do mundo.

Portanto, a produção dos manuais escolares obedece a parâmetros de rigor muito elevados, sendo necessária uma investigação aprofundada por parte das editoras e dos próprios autores, dada a exigência dos Programas Curriculares, o que, por sua vez, irá influenciar na quantidade de livros escolares produzidos todos os anos. Para além disso, dada a enorme concorrência que existe no mercado editorial entre as editoras escolares, estas são obrigadas a investir fortemente na qualidade dos manuais, sendo este um dos aspetos mais importantes na escolha do manual por parte dos professores e das escolas.

Entre o número total de livros escolares produzidos anualmente, é no Primeiro Ciclo que se regista um maior número de manuais por disciplina, ao contrário do Ensino Secundário, onde se regista uma menor quantidade. Também nos Segundo e Terceiro Ciclos se verifica uma diminuição gradual à medida que os níveis vão aumentando.

Um dos principais motivos para esta diminuição gradual está relacionado com o grau de exigência dos Programas Curriculares, que vai aumentando consoante os níveis escolares, assim como a diversidade de disciplinas. Como do Primeiro Ciclo apenas fazem parte três disciplinas, Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio (para além do Inglês, a partir do terceiro ano), e por os seus conteúdos serem de um nível de conhecimento mais básico, o investimento por parte das editoras na produção destes manuais acaba por ser relativamente baixo e de fácil retorno, explicando, assim, o porquê da sua oferta ser maior.

Por outro lado, à medida que os níveis escolares vão aumentando, também o grau de exigência dos Currículos aumenta, fazendo com que as editoras tenham de investir mais, tendo em conta o ciclo escolar. Portanto, o retorno desse investimento, por vezes, é mais demorado, daí a sua oferta no mercado ser menor.

2.2. O preço

Um dos assuntos mais discutidos durante o início do ano escolar é o preço, por vezes bastante alto, que os pais pagam pelos livros escolares dos seus filhos. Chega a ser bastante dispendioso para uma família que tenha dois ou mais filhos a estudar e cujas idades não permitem a reutilização dos livros de uns anos para os outros. No entanto, também é verdade que, mesmo tendo filhos com idades próximas, é cada vez mais difícil poder fazer a reutilização desses mesmos livros.

No fim, quem acaba por ter de enfrentar as críticas são, na maioria das vezes, as escolas e as editoras. As escolas são criticadas por não cumprirem o período de adoção de seis anos e por os professores, em alguns casos, não deixarem os alunos utilizarem livros reutilizados, por estes não serem as versões atualizadas desses manuais. As editoras são criticadas por produzirem livros muito dispendiosos e, ao mesmo tempo, fazerem-nos demasiado longos, incluindo outros materiais, como livros de exercícios, de fichas, CDs, entre outros, que os tornam ainda mais caros, sendo, por vezes, quase impossível fazer um aproveitamento completo de todo o material.

No entanto, existem diversas razões que justificam, em parte, os atuais preços dos manuais escolares. Uma delas está relacionada com o papel desempenhado pelo Governo em relação aos manuais escolares. Visto ser o Ministério da Educação quem determina os Programas e as Metas Curriculares que as escolas e os professores têm de seguir, as editoras têm a obrigação de produzir manuais que sigam os currículos das disciplinas estabelecidos pelo Governo.

Por outro lado, se o Ministério da Educação alterar esses mesmos Programas e as Metas Curriculares ainda durante o período de vigência de adoção de seis anos, as editoras são obrigadas a alterar também os conteúdos dos seus manuais, pois não podem vender livros escolares que estejam desatualizados. Assim, se houver qualquer alteração que o Ministério da Educação decida fazer em relação aos Currículos das disciplinas, as editoras acabam por ser afetadas, pois, para além das despesas que terão a refazer os manuais, todos os exemplares que não foram vendidos também não podem voltar a ser postos à venda, por estarem desatualizados.

Para além disso, por as vendas de livros escolares serem sazonais, em alguns casos, um manual só se torna rentável após dois ou três anos no mercado. Logo, ao serem retirados do mercado antes do fim do período de vigência, as editoras não chegam a obter os lucros que esperavam no início. Daí o preço dos manuais escolares ser tão alto, em parte para cobrir as despesas de produção, impressão e distribuição, assim como as de *marketing*, mas também para prevenir eventuais alterações que tenham de efetuar e eventuais quebras de lucro, dado o aumento de reutilização de livros por parte dos alunos.

3. O percurso de um livro escolar

«The role of the textbook is not only to facilitate teaching, but also to develop the child's attraction to books and the habit of using them to widen his field of knowledge and seek information.»

(Roger Seguin, 1989)

Para muitas crianças em todo o mundo, o manual escolar é o primeiro livro com o qual têm contacto. É com o apoio dos manuais que aprendem a ler, a escrever, a fazer contas, a falar outra língua e a descobrir muitas outras coisas fundamentais para o seu crescimento e desenvolvimento enquanto seres humanos.

Portanto, é essencial que os manuais escolares sejam produtos educativos didáticos e de qualidade, que fomentem o gosto e o interesse do aluno pelos livros e, em especial, pela aprendizagem, usufruindo destes e utilizando-os para aumentar e desenvolver os seus conhecimentos.

Para tal, é necessário que todas as partes envolvidas na produção do manual escolar tenham em consideração as várias componentes que dele fazem parte, desde os seus conteúdos, tendo em conta o ano escolar e a idade do público-alvo a quem o manual se dirige, assim como o aspeto físico e visual do mesmo. Tudo isto ajuda a que, por parte dos alunos, haja uma melhor interação com o manual e que os objetivos deste sejam alcançados.

3.1. As fases de elaboração

Tal como nas edições gerais, o percurso de um livro escolar também se divide em três fases: a pré-produção, a produção e a pós-produção; sendo que todas elas desempenham um papel fundamental no resultado final do livro. No entanto, dentro destas três fases, os processos são um pouco diferentes, comparados com os das edições gerais. Em parte, porque o objetivo principal deste tipo de livros difere do das edições gerais, mas, também, por ser uma área de enorme regulamentação, o tipo de abordagem e os próprios conteúdos terão sempre de estar em conformidade com os Programas e as Metas Curriculares estabelecidos.

Dentro da Texto, a elaboração de um livro escolar tem a duração de um ano letivo, ou seja, cerca de dez meses. No entanto, as campanhas escolares iniciam e acabam meses antes do início e do fim de um ano escolar, isto é, iniciam por volta de junho e acabam por volta de abril. Isto para que antes do início de cada ano letivo, os manuais já estejam disponíveis para venda no mercado.

3.1.1. Pré-produção

Toda a produção de um manual escolar tem início no Ministério da Educação. Isto é, o Ministério define e homologa quais os manuais que podem ser produzidos e editados pelas editoras, assim como os Programas e as Metas Curriculares para cada um deles, podendo estes serem diferentes ou não dos anos anteriores. Para o ano letivo de 2016/2017, os manuais definidos pelo Ministério foram os do 1º ano e o de Inglês do 4º ano do 1º Ciclo, os do 5º ano do 2º Ciclo, e os do 11º ano do Ensino Secundário. Sendo que cabe às editoras decidir quais destes querem publicar e editar.

No caso da Texto, foi decidido produzir todos os manuais do 1º ano (Português, Matemática e Estudo do Meio, com o nome de *Plim!*) e o de Inglês do 4º ano (*Seesaw 4*) do 1º Ciclo; do 5º ano, a Texto decidiu produzir os livros de Português (*Palavra Mágica* e *Ponto por Ponto*), Matemática (*Novo MAT 5*), Ciências Naturais (*100% Vida*), História e Geografia de Portugal (*Novo HGP 5*), Educação Musical (*100% Música*) e Educação Física (*Fair Play*); para os do 11º ano do Ensino Secundário, produziu os manuais de Português (*Mensagens 11*), Matemática A (*MAT 11*), Física e Química A (*11F*, *11Q* e *Jogo de Partículas 11*) e MACS (*MACS 11*).

A escolha destes manuais específicos é feita por uma questão estratégica, tendo em conta a posição e o historial da editora dentro destas áreas, e através de uma análise de mercado. Para além disso, quando os Programas Curriculares diferem de anos anteriores, as editoras, caso queiram publicar um manual para essa disciplina, terão obrigatoriamente de produzir um novo livro, pois não podem voltar a publicar livros de anos anteriores cujos Programas não correspondem aos atuais definidos pelo Ministério. Se os Programas e as Metas Curriculares continuarem iguais aos dos anos anteriores, como foi o caso dos livros do 1º Ciclo, as editoras podem escolher se querem voltar a publicar os mesmos livros ou produzir novos. Contudo, a escolha de produzir novos manuais é quase sempre a mais segura, pois a maioria dos professores e das escolas

prefere adotar novos manuais em vez dos antigos que se vão desatualizando ao longo do tempo desde que estão no mercado.

Depois de escolhidos os projetos nos quais a editora irá trabalhar durante a campanha escolar, é necessário selecionar os autores que irão produzir os respetivos manuais. Estes são sempre professores da área na qual o manual esteja relacionado, ou que em determinada altura da sua carreira exerceram a profissão de docente nessa mesma área. Por norma, na Texto, os autores escolhidos para cada projeto são já eles “autores da casa”, ou seja, autores que têm vindo a colaborar com a Texto há já vários anos. No entanto, caso estes não estejam disponíveis ou interessados em realizar um determinado projeto, são escolhidos novos autores com base nos seus currículos, pois é fundamental que os manuais sejam elaborados por profissionais qualificados.

Depois de escolhidos os autores e os projetos, são planeados e organizados os conteúdos que irão ser incluídos nos manuais, assim como os recursos multimédia e os materiais auxiliares, tais como o Caderno de Apoio ao Professor e o Caderno de Atividades, entre outros. Todos estes materiais são concebidos e idealizados pelo Gabinete de Estudos e Projetos Escolares (GEPE), onde é feita a gestão de todos os projetos, ajudando na sua conceção e dando à equipa de coordenação editorial as indicações necessárias para a produção dos livros.

Por fim, são selecionados, também pelo GEPE, os designers, os ilustradores e os paginadores que irão colaborar igualmente na produção dos manuais. Estes, em conjunto com os coordenadores editoriais, ajudam a definir o aspeto visual final de cada manual. Na Texto, a maioria das ilustrações incluídas nos manuais e a paginação destes é feita fora da editora por profissionais em regime de *freelanceer*, sendo estes, tal como os autores, escolhidos por já terem colaborado com a editora em projetos anteriores.

Todas as decisões tomadas durante a fase de pré-produção são essenciais para a qualidade final do manual, pois são definidos nesta fase os aspetos físicos e visuais dos manuais, incluindo, também, dos materiais auxiliares. Estas definições vão desde o formato e o tamanho dos livros, o tipo de papel em que serão impressos, as secções pelas quais os conteúdos programáticos serão divididos, a capa, o *layout* das páginas, o tipo de letra, as cores, entre outros.

Todas estas definições, apesar de parecerem apenas meros detalhes, desempenham um papel importante na interação do aluno com o manual, pois permitem

que este seja mais prático, de fácil utilização e compreensão, sem o tornar demasiado aborrecido e cansativo durante a sua leitura. Assim, o manual cumpre o objetivo de ser um produto educativo e didático de qualidade.

3.1.2. Produção

Depois de planeado e esquematizado o futuro manual, começa, então, a sua elaboração.

Durante a produção do manual, os autores são responsáveis pela elaboração dos manuscritos. Estes escrevem os textos originais, incluindo exercícios e respetivas soluções, sínteses, tabelas, entre outros, escolhem também os textos adicionais, que complementarão os originais, e selecionam as imagens que irão acompanhar os textos, para além de, por vezes, também fornecerem ideias para ilustrações que queiram incluir. Tudo isto tendo sempre em consideração os Programas e as Metas Curriculares estabelecidos pelo Ministério da Educação, assim como o tipo de linguagem adequado ao ano de escolaridade e o rigor científico e pedagógico exigido conforme os conteúdos programáticos.

Para facilitar o trabalho do editor (neste caso, o coordenador editorial do projeto) e, de um certo modo, ir adiantando o projeto, os autores vão enviando os originais por partes aos editores, sendo estas, quase sempre, por unidades; no caso de uma unidade ser muito grande, os autores dividem-na em duas ou mais partes. Isto permite aos editores irem trabalhando nos manuscritos recebidos, enquanto os autores acabam as restantes partes dos manuais.

Portanto, os coordenadores editoriais são responsáveis por organizar os manuscritos e fazer as devidas correções e alterações. Estas alterações podem incluir a ordem e o conteúdo dos textos, ou partes deles, assim como dos exercícios, sínteses, e de todas as outras partes complementares, para além, obviamente, da revisão linguística e científica dos mesmos. No caso de as alterações serem muito significativas, estas devem ser comunicadas aos autores. Os editores fazem ainda a recolha das imagens selecionadas pelos autores, de modo a serem tratadas pelo estúdio gráfico, podendo estas serem substituídas por outras, ou até eliminadas, caso achem que sejam desnecessárias; e enviam, também, aos ilustradores os pedidos de ilustrações, ou desenhos técnicos, que irão ser incluídos no manual.

Assim, os editores, ao organizarem e comporem os originais que recebem dos autores, estão também a facilitar o trabalho posterior do paginador, evitando que, já depois da primeira paginação, tenham de fazer alterações muito significativas nos conteúdos e na sua disposição. No entanto, é inevitável que, por vezes, ocorram alterações de última hora que comprometam a organização dos conteúdos, modificando, também, a paginação dos restantes conteúdos, o que faz com que tenham de ser feitas novas alterações e correções.

Depois de organizados os originais, com as devidas alterações e correções, estes são vistos pelos coordenadores do GEPE, que validam todos os originais e as alterações feitas, podendo ainda fazer novas alterações e marcar novas emendas. De seguida, os originais alterados e emendados são enviados para os paginadores, que, conforme as definições já estabelecidas na fase de pré-produção, isto é, o *layout* das páginas, as cores, as caixas de texto, o tipo e o corpo das fontes dos vários títulos, subtítulos e restantes textos, entre outros, vão dando forma aos conteúdos tornando-os cada vez mais próximos do aspeto final dos livros. São também enviadas aos paginadores as imagens já tratadas e, também, as ilustrações e desenhos técnicos pedidos aos ilustradores, caso já as tenham enviado de volta.

Assim que os editores recebem a primeira prova do paginador, isto é, a primeira paginação, estes enviam-na de volta aos autores para que estes a possam validar, dar a sua opinião e referir as emendas e as alterações que queiram que sejam efetuadas. Os editores marcam, então, essas alterações, assim como emendas e correções adicionais que necessitem ser alteradas, e enviam a primeira prova de volta ao paginador para uma segunda prova.

Este procedimento é repetido até à prova final. Normalmente são previstas cerca de cinco ou seis provas; no entanto, o número de provas acaba por ser quase sempre maior do que o previsto, devido a pequenas alterações ou emendas que, por não serem muito significativas, não são enviadas aos autores para validação por uma questão de tempo.

Ao longo deste processo, que pode ser antes ou depois da primeira paginação, os originais ou as provas são também revistos linguisticamente por uma revisora contratada para o efeito pela Texto. Visto muitos dos coordenadores editoriais serem especialistas nas áreas dos projetos pelos quais estão responsáveis, estes não têm, deste

modo, um conhecimento linguístico mais abrangente que permita avaliar os conteúdos neste aspeto.

Até ao final de dezembro e início de janeiro, todos os manuais que tenham de passar pelo processo de avaliação e certificação têm de estar concluídos, precisamente, por terem de ser enviados para as entidades avaliadoras e certificadoras, acreditadas pela Direção-Geral da Educação (DGE), dentro do prazo estipulado³. Depois de avaliarem os manuais, as entidades enviam um relatório à editora com as alterações que terão de efetuar antes de estes poderem ser declarados como certificados. Se estas alterações forem de falta de coerência entre os conteúdos, assim como de conteúdos errados ou falaciosos, estes são comunicados aos autores para que sejam corrigidos. Caso as alterações pedidas forem de falta de concordância, como, por exemplo, conteúdos que não correspondam com as páginas do índice, títulos e subtítulos errados ou mal colocados, perguntas e respostas trocadas, entre outros, são alterados diretamente pelo coordenador editorial.

Depois de repaginado o manual com todas as alterações feitas e corrigidas, este é enviado de volta para a entidade certificadora para uma segunda avaliação. Se não houver mais alterações a efetuar a pedido da entidade, o manual é, então, dado como certificado.

Para os manuais que não tenham de ser avaliados e certificados pelas entidades certificadoras acreditadas pela DGE, durante a sua produção, estes vão sendo analisados e avaliados por professores e revisores independentes, dando a sua opinião e referindo modificações que deveriam ser feitas. No entanto, neste caso, os coordenadores mencionam estas opiniões aos autores, sendo que estes decidem se querem ou não fazer as alterações. Ao contrário dos manuais que têm de passar pelo processo de avaliação e

³ O processo de avaliação e certificação de manuais escolares foi criado em 2006 com o objetivo de garantir a qualidade científico-pedagógica dos manuais adotados pelas escolas, e assegurar a sua conformidade com os Programas e Metas Curriculares estabelecidos; sem esta certificação, as editoras não poderão comercializar os respetivos manuais. Para o ano letivo de 2016/2017, os manuais que terão de passar por este procedimento são os manuais de Português e Matemática, dos 1º e 5º anos do ensino básico, e os manuais de Português, Matemática A e Física e Química A do 11º ano do ensino secundário; sendo que o prazo para a sua avaliação teve início a 15 de novembro de 2015 e terminou a 28 de fevereiro para os manuais de Português e Matemática dos 1º e 5º anos, e a 7 de março de 2016 para os de Português, Matemática A e Física e Química A do 11º ano de escolaridade.

certificação, em que todas as alterações pedidas pelas entidades certificadores têm obrigatoriamente de ser efetuadas. Por vezes, por iniciativa própria, a editora decide, também, enviar às entidades certificadoras os manuais, ainda em fase de elaboração, para que estas possam analisar e rever os conteúdos dos mesmos.

Para todos os outros materiais auxiliares, como o Caderno de Atividades, o Caderno de Apoio ao Professor, e outros que as editoras decidam incluir, os procedimentos de elaboração são os mesmos por que passam os manuais, com a diferença de que estes não têm de ser avaliados nem certificados, mesmo que o manual do qual servem de complemento tenha de o ser. No caso de estes serem elaborados por autores diferentes dos que elaboraram os manuais, todos os originais enviados para os editores por estes autores terão de ser validados pelos autores do respetivo manual.

No início de março, todos os manuais terão de estar concluídos para serem enviados para a gráfica. A gráfica cria, então, o ozalide do respetivo manual e envia de volta para a editora. Os coordenadores, mais uma vez, analisam o ozalide, fazem as últimas emendas, caso sejam necessárias, sendo que estas não podem comprometer nem alterar a paginação dos mesmos, e, no fim, validam o ozalide para se dar início à primeira impressão do manual. No final de março, todos os materiais auxiliares terão de estar terminados, para, de seguida, passarem pelo mesmo processo pelo qual o manual passou.⁴

3.1.3. Pós-produção

A fase de pós-produção não começa exatamente logo após a finalização da elaboração de todos os manuais e materiais auxiliares dos mesmos. Esta é uma fase que se vai prolongando ao longo de todo o processo de produção dos manuais. No entanto, esta fase tem um maior impacto quando os manuais já estão impressos e transformados no objeto físico que será utilizado pelos alunos e professores, pois o seu objetivo principal é vender o manual. Portanto, esta fase é dirigida maioritariamente pelo departamento de *marketing* da editora.

Comparando com as edições gerais, a venda de livros escolares é um processo que difere em muitos aspetos. Enquanto os livros de edições gerais, por serem direcionados na maior parte das vezes para o público em geral, são divulgados através

⁴ Anexo 1

dos meios sociais e através de lançamentos e apresentações dos mesmos em alguns pontos do país, os livros escolares são divulgados diretamente aos docentes e aos conselhos pedagógicos dos agrupamentos escolares. Sendo, assim, necessário percorrer o país de norte a sul, incluindo ilhas, para que os manuais cheguem ao maior número de professores possível.

Existe um período definido pelo Ministério da Educação de apreciação, seleção e adoção dos manuais escolares por parte das escolas e dos agrupamentos. Este período decorre durante quatro semanas, normalmente entre maio e junho, sendo que o prazo de registo *online* de apreciação, seleção e adoção dos manuais termina, por norma, duas semanas depois do término do período de apreciação, seleção e adoção⁵. Portanto, as editoras têm até ao início deste período para divulgar os manuais que produziram para o ano letivo seguinte.

Visto existir uma grande concorrência de editoras no mercado escolar, há também uma preocupação acrescida na realização de boas campanhas de divulgação. Esta chega a ser quase tão importante como a elaboração de manuais escolares de qualidade. Algo que é importante salientar é que os manuais escolares dirigem-se a um público diferente de quem os compra. Isto é, os manuais são elaborados para crianças e adolescentes dos vários anos de escolaridade, mas quem os decide adotar são os professores e os conselhos pedagógicos das escolas, o que, por vezes, faz com que estes tenham em maior consideração o seu gosto pessoal em vez do interesse do aluno.

Deste modo, os manuais são elaborados cada vez mais a pensar nos professores, e cada vez mais se produzem materiais auxiliares dirigidos exclusivamente para os professores. Assim, as campanhas de divulgação servem para mostrar ao docente que o manual que tem nas mãos é um produto de qualidade e pedagógico para o aluno, mas que é também orientado para o professor, ajudando-lhe na organização e gestão das suas aulas, o que lhe permite uma melhor dedicação à aprendizagem dos seus alunos.

Por isso, é essencial que durante estas campanhas os manuais e todos os seus materiais auxiliares já estejam disponíveis para apreciação dos professores e dos conselhos pedagógicos. Daí serem realizadas a partir do final de março e durante o mês de abril. Estas são as grandes campanhas de divulgação, também designadas de Sessões de Apresentação, em que os principais divulgadores são os autores dos próprios

⁵ Até à data de entrega do presente relatório, ainda não teriam sido divulgadas as datas do período de apreciação, seleção e adoção, assim como as de registo *online* dos manuais.

manuais. Para além disso, são realizadas em grandes espaços dos vários distritos do país, normalmente em hotéis, mas também em salas de cinema, e contam com a presença de cerca de duzentos professores.

No entanto, apesar de todo o esforço empenhado para estas sessões, estas nem sempre são as mais eficazes, pois por serem de grandes dimensões tornam-se quase em pontos de encontro para os professores das várias regiões. As campanhas que acabam por ter um maior impacto são as ações de divulgação feitas ao longo do ano por divulgadores comerciais de cada concelho do país. Estes vão às escolas falar diretamente com os professores das respetivas áreas e divulgar os manuais disponíveis para oferta, mesmo que ainda estejam em fase de elaboração, oferecendo folhetos e documentos informativos sobre os mesmos.

No fim, todas estas fases complementam-se umas às outras, sendo cada uma importante e necessária para a elaboração do manual e de todos os seus materiais auxiliares que o tornam num produto pedagógico de qualidade, focado para o aluno e, ao mesmo tempo, servindo as necessidades do professor.

3.2. Reimpressões e reedições

Toda a primeira impressão da primeira edição dos manuais escolares, e dos seus respetivos materiais auxiliares, corresponde aos manuais oferecidos aos professores sem quaisquer custos para estes, o que implica uma enorme despesa para a editora. Porém, quantos mais manuais do professor forem impressos, mais facilmente chegarão a todos os docentes e maior será a probabilidade de retorno de lucro para a editora.

A segunda reimpressão dos manuais é exclusiva para venda no mercado, ou seja, é dirigida aos alunos, sendo que o número de exemplares desta reimpressão irá sempre depender do número de escolas que decidirem adotar o manual, fazendo com que o total de vendas seja quase sempre o total dos exemplares impressos. A partir da terceira reimpressão, isto é, do segundo ano de adoção do manual, as vendas vão caindo gradualmente devido à cada vez maior reutilização dos manuais por parte dos alunos.

Na segunda reimpressão do manual são ainda retiradas as badanas do professor que contêm as Metas Curriculares e as soluções dos exercícios nele presentes, o que faz com que estes tenham uma largura diferente dos manuais do professor. Para além disso, ao longo das reimpressões vão sendo também corrigidos pequenos erros detetados.

Casos os erros sejam demasiado graves, é feita uma errata que é incluída nas novas reimpressões a indicar as devidas correções e alterações.

Uma segunda edição do manual só é feita caso hajam alterações profundas nos Programas e nas Metas Curriculares definidas pelo Ministério da Educação que justifiquem uma nova reedição do manual.

4. O estágio

Inicialmente, o meu estágio na Texto teria uma duração de 400 horas, com início a 6 de outubro e fim a 15 de dezembro (dois meses e meio). No entanto, nas edições escolares a intensidade do trabalho aumenta a partir de novembro/dezembro até finais de março. Por isso, no final do estágio, a minha orientadora na Texto questionou-me se estaria interessada em prolongar o estágio durante mais algum tempo à minha escolha. Aceitei, decidindo prolongá-lo durante mais dois meses e meio, até ao início de março.

A decisão de prolongar o estágio revelou-se muito vantajosa, pois tive a oportunidade de estar presente até ao final do processo de elaboração de um manual, assim como presenciar e experienciar a intensidade do trabalho durante os meses finais de produção de um manual escolar.

4.1. O início

Ter iniciado o estágio no início de outubro, numa fase ainda pouco intensa na coordenação editorial, permitiu-me ter um começo calmo nas primeiras semanas.

No primeiro dia de estágio, de manhã, foi-me dada uma breve introdução do funcionamento da empresa, assim como me foram apresentadas as instalações da Sede da LeYa, em Alfragide, onde se realizou o meu estágio, e como as várias editoras instaladas na Sede estão divididas pelo edifício. Para além de me ser apresentada, também, a equipa da Texto com a qual iria colaborar nos meses seguintes, sendo esta uma das maiores equipas de coordenadores editoriais da LeYa, contando com doze colaboradores efetivos.

Depois de instalada na minha nova secretária, foi-me explicado por uma das minhas colegas, visto a minha orientadora estar numa reunião, como funcionava a rede interna da LeYa e da Texto, o que me permitiu perceber que tudo o que é colocado nas pastas *online* da Texto é acessível a todos os colaboradores da editora, sendo que, também, os colaboradores da empresa têm uma pasta partilhada na rede da LeYa que é acessível a todos.

A seguir ao almoço realizei a minha primeira tarefa que consistiu em transcrever no *Word* alguns exercícios que seriam incluídos no manual de Física e Química (*Jogo*

de Partículas 11). Alguns autores ainda não estão muito familiarizados com as novas tecnologias e preferem enviar digitalizações de fórmulas ou exercícios feitos por eles à mão; logo, terá de ser o coordenador do projeto a digitalizá-los no *Word*.

Como o mês de outubro é um mês calmo nas edições escolares, as minhas tarefas nas semanas seguintes consistiram, na sua maioria, em tarefas simples como a do primeiro dia. Sendo algumas destas a seleção e recolha de imagens para os manuais de Matemática do 1º ano (*Plim!*), Inglês do 4º ano (*Seesaw 4*), Ciências Naturais do 5º ano (*100% Vida*) e Física e Química do 11º ano (*Jogo de Partículas 11*).

A maioria das fotografias incluídas nos manuais é retirada de bancos de imagens *online*, o que permite a aquisição dos direitos de autor das respetivas imagens, podendo, assim, serem utilizadas livremente. No caso da *Texto*, os bancos de imagens mais utilizados são o Thinkstock e o Dreamstime, sendo que para os projetos da área das Ciências, como o de Ciências Naturais e os de Física e Química, é ainda utilizado o Science Photo Library, onde é disponibilizado um grande catálogo de imagens mais científicas.

Nos originais enviados pelos autores, estes por vezes colocam imagens com o respetivo código do banco de imagens para que o editor as possa descarregar. Outras vezes, deixam apenas indicações de quais as imagens que devem ser inseridas, ou podem inserir simplesmente as imagens sem qualquer outra informação, o que dificulta mais o trabalho do editor no momento da sua recolha⁶.

Destes três manuais, aquele com o qual trabalhei mais na seleção e recolha de imagens foi o de Ciências Naturais, em que as minhas tarefas consistiam em descarregar as imagens dos respetivos bancos dos quais foram retiradas, utilizando os códigos que os autores forneciam. Quando os autores não forneciam os códigos, ou os códigos não correspondiam às respetivas imagens nos originais, a minha função seria tentar encontrar as imagens manualmente ou tentar encontrar imagens que fossem parecidas às selecionadas pelos autores. Depois de descarregadas as imagens, estas eram guardadas numa pasta com um código específico para cada uma, sendo este código também colocado nos originais dos autores, para que, depois de irem a tratamento no estúdio gráfico, e quando enviadas ao paginador, estes soubessem onde as deveriam inserir⁷.

⁶ Anexo 2

⁷ Anexo 3

Para além disso, todas as ilustrações e desenhos técnicos, assim como gráficos, mapas, entre outros, que seriam pedidos aos ilustradores, teriam também de ter um código nos originais dos autores para o paginador as conseguir identificar. Depois, as páginas dos originais que incluíssem ilustrações ou desenhos técnicos seriam enviadas aos ilustradores para que estes pudessem elaborar a ilustração com base nos textos e com a sua localização nos originais. Tudo isto é apontado numa folha Excel para facilitar a organização e registar as datas dos pedidos feitos aos ilustradores, assim como as datas em que foram recebidas de volta as ilustrações⁸.

Outra das tarefas que realizei durante as primeiras semanas de estágio foi a comparação dos textos originais das obras incluídas no manual de Português do 11º ano (*Mensagens 11*) com as edições das obras escolhidas pelo GEPE, nomeadamente as obras do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira, *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, *Os Maias*, de Eça de Queirós, e *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Ou seja, teria de comparar se as edições das obras utilizadas pelas autoras estavam de acordo com as que teriam sido seleccionadas pelo GEPE. Sendo que algumas das obras foram copiadas *ipsis verbis*, como o *Sermão de Santo António aos Peixes* e *Os Maias*; outras foram apenas atualizadas segundo as normas do Novo Acordo Ortográfico, como o *Frei Luís de Sousa* e o *Amor de Perdição*, tendo sido feitas pequenas correções de pontuação no *Frei Luís de Sousa*.

Realizar estas pequenas tarefas ajudou-me a perceber o quanto as imagens e o respeito pelas obras e as edições são importantes e relevantes para a qualidade final dos manuais. Para além disso, começar com tarefas simples ajudou-me a ir ambientando e preparando para as tarefas mais complexas, assim como perceber um pouco melhor o processo de elaboração dos manuais.

Com o passar do tempo, as minhas tarefas foram diversificando e aumentando. Uma das tarefas que a minha orientadora me pediu foi para atualizar com o Novo Acordo Ortográfico uma parte do Caderno de Apoio ao Professor dos manuais de Física e Química (*11F* e *11Q*), publicado em 2008, que seria reutilizada no CAP destes mesmos manuais a publicar este ano. Nesta tarefa, foi a primeira vez que utilizei os sinais de revisão durante o estágio, abordados nas aulas teóricas do Mestrado, e, também, a primeira vez que tive contacto com o Departamento de Produção, onde fui entregar a prova, depois de ter colocado as emendas, para serem feitas as correções no

⁸ Anexo 4

documento, tendo-me sido depois devolvido para verificação de emendas e validação, quando todas estas tivessem sido efetuadas⁹.

Outra tarefa que tive a oportunidade de realizar foi a revisão de alguns textos dos manuais. A revisão de textos de manuais escolares é um pouco mais complexa que a de livros de edições gerais. Nas edições gerais, algo que é relevante preservar durante a revisão dos textos é a voz do autor, a mensagem que este quer transmitir e o modo como o faz, tendo em conta o seu estilo pessoal; nas edições escolares, a voz do autor está em segundo plano, pois o mais importante é o conteúdo. O autor tem de ter uma voz neutra, não pode ter um estilo particular de transmitir as ideias, e tem de saber usar a sua imaginação e criatividade para transmitir a informação de forma clara e concisa, tendo em conta o público-alvo a que se dirige. Portanto, rever um texto de um manual de 5º ano não é o mesmo que rever um texto de um manual do 11º ano.

Estes eram os aspetos mais importantes a ter em consideração durante a revisão dos textos. Nos manuais de 5º ano teria de ter em conta que os textos eram dirigidos a crianças na sua maioria de 10 anos; logo, os textos não podiam ser muito longos, as frases teriam de ser curtas, com uma linguagem clara e com um grau de dificuldade menor, utilizando os termos científicos corretos mas não muito complexos, sendo a utilização de imagens muito recorrente para a ajuda da interpretação dos textos. Nos manuais de 11º ano, o tipo de linguagem era um pouco mais complexa, os textos eram maiores, dando mais relevância ao seu conteúdo, servindo as imagens, na sua maioria, apenas para complementar os textos.

De todas as revisões que fiz, foi no manual de Ciências Naturais do 5º ano que tive uma maior intervenção, fazendo a revisão da maior parte das unidades presentes no Manual, assim como do Caderno de Atividades e do Caderno de Apoio ao Professor. Para além de todos os aspetos linguísticos que teria de rever, ou seja, se a linguagem era a mais correta e se havia erros ortográficos e gramaticais, teria também de rever quanto ao seu conteúdo, isto é, se os textos estavam em conformidade com o tema em questão, se havia incoerências entre os textos, ou trocas e deslocação de textos para outros lugares, se os exercícios e as soluções coincidiam corretamente, assim como outros aspetos visuais, tais como a verificação de espaços, de coerência entre títulos e subtítulos, a numeração das figuras, para além de outros aspetos de uniformização.

⁹ Anexo 5

Neste manual, o tipo de revisão foi mais intenso, pois a continha uma grande quantidade de erros. Talvez por ser a primeira vez que as autoras elaboravam um manual e por não estarem familiarizadas com alguns aspetos de uniformização, mas também por o tipo de linguagem utilizado ser muito aquém do esperado. Não só tive de corrigir aspetos de uniformização, como também erros ortográficos e gramaticais básicos, e exercícios trocados, ou com soluções erradas¹⁰.

No manual de História e Geografia de Portugal do 5º ano (HGP 5), no qual fiz apenas revisão de uma unidade, como o autor era já um “autor da casa” com uma vasta experiência na elaboração de manuais, a revisão acabou por ser mais simples do que a do manual de Ciências Naturais, tendo apenas feito algumas correções linguísticas e de uniformização¹¹.

Todas estas revisões feitas por mim foram realizadas nos originais dos autores em Word, sendo que seriam ainda revistos posteriormente por uma revisora linguística, contratada pela Texto, e um revisor científico da respetiva área.

Com a chegada das primeiras provas, fui realizando tarefas que incidiam nestas, sendo que uma dessas tarefas consistia na contraprova de algumas unidades dos manuais de Português e Educação Musical do 5º ano, e nos manuais de Português, Física e Química, e MACS do 11º ano. Ou seja, teria de verificar se, na prova mais recente, todas as emendas pedidas na prova anterior tinham sido efetuadas e a existência de erros que não tenham sido detetados previamente ou que por vezes surgem quando a paginação é alterada, ou a emenda é mal efetuada. Caso hajam novas emendas por fazer ou novos erros detetados, voltam a ser feitas novas emendas na prova mais recente, utilizando os sinais de revisão, para serem corrigidas na prova seguinte.

Por vezes, ocorriam alguns contratemplos que comprometiam o cumprimento de alguns dos prazos previamente estabelecidos. Um desses, por exemplo, aconteceu com o Manual de Português do 11º ano que, no início de dezembro, foi decidido alterar a edição da obra *Sermão de Santo António aos Peixes*. Ou seja, antes desta alteração, a obra do *Sermão de Santo António aos Peixes* tinha sido retirado da edição de 1978 publicada pela Seara Nova dos *Sermões de Padre António Vieira*; no entanto, decidiu-se copiar a obra a partir da edição publicada pelo Círculo de Leitores, em 2013, *Padre*

¹⁰ Anexo 6

¹¹ Anexo 7

António Vieira: obra completa, por esta ser uma edição mais recente e fiel ao sermão original pregado por Padre António Vieira em 1654.

Foi-me pedido, então, pela coordenadora do projeto, se poderia fazer as emendas na prova de acordo com a nova edição da obra. Contudo, por ter sido estabelecido que até ao final de dezembro o manual deveria estar concluído para posteriormente serem enviadas as provas finais à entidade certificadora (neste caso, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), esta alteração da obra veio atrasar a conclusão do projeto; pois toda a obra teria de ser alterada, já que tinha sido também decidido incluir a obra completa no Manual, excluindo os capítulos I e VI, dos quais seriam apenas publicados excertos. Esta alteração não teve implicações apenas nos textos das obras, mas também nos exercícios, e respetivas soluções, alterando totalmente a paginação inicial de toda a unidade, o que obrigou à realização de mais provas e contraprovas¹².

4.2. O Prolongamento

Na segunda fase do meu estágio na Texto, que coincidiu com a fase de maior intensidade de trabalho na coordenação editorial, para além das minhas tarefas habituais consistirem em ajudar os meus colegas em tudo o que necessitassem, tal como a seleção e recolha de imagens, revisão de textos, fazer contraprovas, entre outras, foi-me, também, incumbida uma tarefa de maior envergadura.

Como o projeto de Português do 11º ano (*Mensagens 11*) teve alguns percalços e complicações durante a sua produção, foi necessária uma maior intervenção neste da minha parte. Assim, a minha orientadora informou-me que a coordenação do Caderno de Apoio ao Professor (CAP)¹³ deste mesmo projeto iria estar ao meu encargo. Para além deste, tive também uma participação muito ativa no respetivo Caderno de Atividades e no Livro de Testes.

Todas as tarefas que realizei, desde as mais simples às mais complexas, e tudo o que aprendi e os conhecimentos que adquiri durante a primeira fase do meu estágio foram fundamentais para uma boa elaboração do CAP.

Na primeira fase, os coordenadores dos vários projetos davam-me tarefas pontuais com orientação deles, sendo que depois tratariam eles de outras tarefas e

¹² Anexo 8

¹³ Anexo 9

pormenores. Por exemplo, quando me pediam para selecionar e recolher imagens, eu apenas teria de fazer a sua recolha, pôr os códigos na respetivas imagens e guardá-las na pasta do projeto, enquanto o coordenador iria depois rever a seleção de imagens, enviá-las para o estúdio gráfico para tratamento, e posteriormente enviá-las ao paginador. No caso das contraprovas, apenas teria de fazer a verificação de emendas, assim como a correção de erros que detetasse, enquanto os meus colegas iriam depois acrescentar as suas próprias emendas ou novas alterações a efetuar e enviar posteriormente ao paginador.

No CAP do *Mensagens 11*, tendo eu me tornado na sua coordenadora editorial, todas estas tarefas, entre outras, estariam à minha responsabilidade.

O que me facilitou mais a minha tarefa foi o facto de todos os Cadernos de Apoio ao Professor terem uma paginação e conteúdos semelhantes. Ou seja, em todos os CAP estão incluídos: uma apresentação do respetivo manual; o Programa e as Metas Curriculares estabelecidos pelo Ministério da Educação, e tabelas síntese dos mesmos conteúdos programáticos; Planificações, incluindo planificações anuais e trimestrais e exemplos de planos de aula, assim como de atividades curriculares que podem ser realizadas pelos professores, entre turmas ou pelas escolas; um guia de exploração dos recursos multimédia apresentados no Manual, que ajudam o professor a utilizar os recursos multimédia, como PowerPoints, vídeos, sínteses, disponíveis na página da Aula Digital no *site* da LeYa Educação dedicada aos professores; fichas de trabalho correspondentes aos temas das respetivas unidades presentes no Manual; fichas de avaliação para cada unidade temática do Manual; soluções das respetivas fichas de trabalho e fichas de avaliação; e transcrições dos ficheiros áudio apresentados no Manual e incluídos no CD de oferta, caso esteja incluído no respetivo projeto.

Para além destes, os CAP são adaptados conforme o projeto do qual fazem parte, sendo que alguns dos seus conteúdos podem ser diferentes dos CAP de outros projetos. Por exemplo, o CAP de Ciências Naturais (*100% Vida*) inclui algumas atividades práticas, como saídas de campo; já o de Física e Química (*Jogo de Partículas 11*) contém algumas experiências laboratoriais.

No caso do CAP do *Mensagens 11*, por ser um projeto de Português do 11º ano, este contém muitas fichas de trabalho correspondentes não só às várias unidades do Manual, mas também divididas em várias matérias, como a Educação Literária, a Gramática, a Leitura e a Escrita; tal como as fichas de avaliação das unidades estão

divididas em Testes de Compreensão do Oral e Testes de Avaliação, em que estes últimos seguem o modelo dos exames nacionais de Português do 12º ano. O CAP inclui, também, Guiões de Leitura das várias obras opcionais incluídas no Programa definido pelo Ministério da Educação, assim como uma lista de sinopses das obras definidas no Plano Nacional de Leitura para o 11º ano¹⁴.

Para além dos conteúdos presentes nos Cadernos de Apoio ao Professor, a paginação destes é também muito semelhante entre eles, sendo que toda ela é feita por paginadores do Departamento de Produção, ao contrário da paginação dos Manuais e dos outros materiais auxiliares, que é efetuada por paginadores fora da LeYa. A paginação, ao ser feita internamente, permite uma comunicação direta entre o editor e o paginador, facilitando, assim, a resolução de quaisquer problemas que possam eventualmente ocorrer. Além disso, por todos os conteúdos do CAP estarem disponíveis na Aula Digital e poderem ser editáveis pelo professor, à exceção do Programa e das Metas Curriculares, a maioria da sua paginação é feita em Word, permitindo ao coordenador alterar os seus conteúdos diretamente neste já depois de terem sido paginados, o que, no meu caso, ocorreu algumas vezes.

Portanto, assim que comecei a receber os primeiros originais das autoras (que não eram as mesmas do Manual), já depois de serem validados pelo GEPE com algumas emendas e indicações para eu efetuar, comecei então por fazer a sua revisão. A revisão dos originais foi um processo semelhante à revisão que efetuei para os outros projetos, com a exceção de que poderia decidir alterar os conteúdos caso não os considerasse os mais apropriados ou adequados, mas sempre informando o GEPE das minhas decisões.

Foi o que aconteceu com duas Fichas de Trabalho de Gramática em que os textos que serviriam de base para os exercícios (discurso de Malala Yousafzai na receção do Prémio Nobel da Paz em 2014, e discurso de Barack Obama aquando da tomada de posse da presidência dos Estados Unidos em 2008) foram retirados de *sites* cuja tradução não era a mais fidedigna. No caso do discurso da Malala Yousafzai, o texto teria sido retirado de um *blog* brasileiro cuja tradução deste tinha sido adaptada para o português europeu pela autora da ficha de trabalho; quando comparado com a transcrição do discurso em inglês presente no *site* oficial dos Prémios Nobel, reparei que a tradução que constava no *blog* brasileiro não era a mais correta, o que me obrigou

¹⁴ Anexo 9

a fazer inúmeras alterações no texto para que este ficasse o mais fidedigno possível com o discurso proferido pela Malala.

No caso do discurso do Obama, a sua tradução tinha sido retirada do *Jornal de Notícias*, o que, por ser uma fonte na maioria das vezes fidedigna, me levou a pensar, no princípio, que a tradução seria fiel ao discurso; no entanto, quando decidi comparar a tradução feita pelo *JN* com a transcrição do discurso publicada pela *ABC News*, notei que a primeira continha alguns erros e discrepâncias que levariam, por vezes, a uma interpretação diferente do discurso proferido pelo Obama, o que me levou a fazer, igualmente, algumas alterações no texto¹⁵. Assim, estas modificações que efetuei em ambos os textos tiveram, do mesmo modo, consequências nos seus respetivos exercícios, pelo que tive também de os alterar.

Para a seleção de imagens, ao contrário das imagens dos outros projetos que, na sua maioria, eram retiradas de bancos de imagens, as que foram incluídas pelas autoras no CAP do *Mensagens II* eram, na maior parte, imagens que acompanhavam os textos originais retirados dos respetivos *sites*. Outras vezes, era apenas incluída uma fotografia do respetivo autor do texto, como foi o caso dos textos referentes aos discursos de Malala Yousafzai e de Barack Obama.

Durante a seleção e recolha de imagens, era fundamental escolher imagens com uma boa qualidade para posteriormente serem tratadas pelo estúdio gráfico e, mais tarde, incluídas na paginação. Portanto, tive de ter um cuidado redobrado na atribuição dos códigos antes de fazer o pedido de tratamento das imagens, de modo a que o paginador conseguisse identificá-las corretamente.

Depois de paginados os primeiros originais e assim que recebi de volta as primeiras provas, teria de as enviar para as autoras do Manual para as validarem. Estas, após validarem as provas, principalmente as fichas de trabalho e os testes, comunicavam ao GEPE a sua análise e avaliação das respetivas provas, assim como algumas alterações que deveriam ser efetuadas.

Quando as alterações eram em grande quantidade, em vez de se marcarem nas provas, era pedido ao Departamento de Produção o respetivo ficheiro Word para se efetuarem as emendas diretamente no documento, poupando, assim, mais tempo ao evitar que ocorressem erros durante as alterações.

¹⁵ Anexo 10

Depois de todas as alterações serem efetuadas, os erros corrigidos, as imagens adicionadas, a última tarefa a ser realizada é a numeração das páginas. Esta é uma tarefa que requer muita precisão e atenção, e que se revelou mais complicada do que imaginava. No caso do CAP, como a impressão na gráfica é feita por cadernos, o total de páginas teria de ser um múltiplo de oito, ou seja, como estariam previstas cerca de 400 páginas para o CAP, o número total de páginas apenas poderia ser entre 384, 392, 400, 408, 416, 424, etc. No entanto, uma das características dos CAP é o facto de estes serem encadernados com argolas e, como as argolas têm uma espessura específica, o limite total de páginas que as argolas encomendadas conseguiriam aguentar sem deixar as folhas demasiado apertadas era de 416.

Ora, depois de numeradas todas as páginas, o total que obtive foi de 424, um número que ultrapassava o limite possível de páginas. Logo, teriam de ser retiradas oito páginas de todo o CAP. Por este estar dividido em muitas unidades e subunidades, dificultou ainda mais a tarefa de eliminação de oito páginas, pois cada unidade teria de iniciar obrigatoriamente numa página ímpar e acabar numa página par (se as unidades não terminassem em página ímpar, era adicionada uma página de notas¹⁶), assim como algumas subunidades que tinham separadores no meio, como era o caso das Fichas de Trabalho e as Fichas de Avaliação.

Depois de muita ponderação e reflexão, foi decidido, entre mim e a coordenadora dos projetos de Português do GEPE, que seriam retiradas as seis páginas correspondentes à bibliografia incluída no Programa Curricular estabelecido pelo Ministério, assim como as quatro páginas com as listas de obras do Plano de Leitura dos três anos do Ensino Secundário, sendo que a lista de obras correspondente ao 11º ano estava inserida na unidade do Projeto de Leitura. Assim, o CAP ficaria com 414 páginas; como eram necessárias 416, decidi juntar-se duas páginas de notas no final para se chegar, então, ao total de páginas desejado.

Assim, com a numeração das páginas concluída e inserida no índice, as provas finais foram introduzidas num PDF final e enviado para a gráfica para se dar início à produção do ozalide. Contudo, no dia seguinte, a coordenadora do GEPE decidiu fazer uma alteração de última hora: um dos testes de compreensão do oral iria ser retirado,

¹⁶ Páginas sem qualquer conteúdo, que servem para o professor acrescentar as suas próprias notas, que são inseridas nos CAP quando há falta de páginas ou quando uma unidade acaba em página ímpar, sendo, então, acrescentada esta página de modo a que a unidade possa acabar em página par.

pois, ao fim de muito refletir, decidiu que não era o mais apropriado para ser incluído entre os Testes.

Como não havia tempo suficiente para voltar a criar um teste novo de substituição, as duas páginas do teste não poderiam ser deixadas em branco; logo, teriam de ser removidas, o que iria alterar de novo o número total de páginas e a numeração das páginas seguintes. Para além disso, ao se retirar o teste, por ser um teste de compreensão do oral, a transcrição deste teria de ser igualmente removida, assim como as respetivas soluções, o que iria modificar, também, a paginação destas, o que fez com que o CAP perdesse três páginas.

Para não serem adicionadas mais páginas de notas no fim das unidades de modo a voltarmos a recuperar as três páginas perdidas, sugeri que se fizesse uma reestruturação nas Soluções e nas Transcrições (por exemplo, alterar o espaçamento entre linhas de 1,5 para 1,0) de modo a tentar comprimir ao máximo os seus conteúdos e, assim, o CAP ficar com 408 páginas em vez das 416. Com esta alteração do espaçamento, conseguiu perder-se quatro páginas e, como tinham sido adicionadas anteriormente duas páginas de notas, estas foram novamente retiradas.

Juntando estas páginas perdidas com as três anteriores, tinham sido perdidas nove páginas, ou seja, o CAP tinha 407. Para não se adicionar novamente uma página de notas, voltei a sugerir uma reestruturação nas páginas das Transcrições, que seria passar o tamanho do tipo de letra de 9 para 9,5, melhorando, assim, a sua leitura. Portanto, com esta alteração, conseguiu-se aumentar uma página, perfazendo o total de 408 páginas.

Depois de concluída esta tarefa, voltou-se novamente a fazer um pdf final das provas finais alteradas e renumeradas, e fez-se o seu envio para a gráfica para a produção de um novo ozalide. Quando o ozalide foi enviado pela gráfica, fiz uma análise final, sendo que não foram feitas nenhuma alteração.

Conclusão

Ter a oportunidade de passar para a prática a teoria que fui adquirindo ao longo do primeiro ano de aulas do Mestrado é sempre uma mais-valia. Ter esta oportunidade numa área de mercado editorial que é muito pouco abordada nessas mesmas aulas, como o são as edições escolares, torna tudo um pouco mais complicado.

No entanto, tal como referi na introdução deste relatório, a minha curiosidade sobre o mercado editorial escolar e a produção de livros escolares, também devida à pouca abordagem deste tema nas aulas, permitiu-me aproveitar com maior entusiasmo a componente não-letiva do Mestrado, isto é, o estágio que realizei na Texto, editora escolar pertencente ao grupo editorial LeYa.

Aliando os conhecimentos que adquiri ao longo do mestrado, aprendi que em alguns aspetos a produção de livros escolares e de livros de edições gerais é semelhante. Contudo, difere também em muitos outros parâmetros, desde a duração da sua produção, ao número de pessoas envolvidas antes, durante e após a sua elaboração, assim como as condições e requisitos impostos pelo Ministério da Educação que devem ser cumpridos e respeitados.

Para além destes conhecimentos, as bases adquiridas durante a licenciatura de Ciências da Linguagem revelaram-se também de extrema importância para a execução das tarefas ao longo do estágio, nomeadamente as de revisão de textos e, principalmente, a revisão dos exercícios e das fichas de gramática do projeto de Português do 11º ano (*Mensagens 11*).

Ter iniciado o estágio com tarefas simples e ir progressivamente aumentando para tarefas mais complexas e demoradas, permitiu-me ir adquirindo e, ao mesmo tempo, ajustando um ritmo de trabalho próprio, tendo em conta as minhas funções. Além disso, o apoio e o *feedback* transmitidos pelos meus colegas, assim como a confiança que depositavam em mim, possibilitavam-me um maior empenhamento da minha parte.

Por outro lado, por os livros escolares poderem ser definidos como livros pedagógicos com uma forte componente didática torna-os recetivos a muitas outras áreas, como a cultura e, principalmente, em muitos deles, a literatura. Para além da

diversidade de faixas etárias a quem os livros se dirigem, pois apesar de serem um produto para utilização de crianças e adolescentes, é importante ter sempre em consideração que quem o «compra» são adultos, nomeadamente os professores das mais diversas disciplinas.

Portanto, no meio deste mundo das edições escolares, tive a possibilidade de ter contacto com as outras áreas da edição, como as edições gerais, as edições infantis e, ainda, apesar de pouco, com a banda desenhada, jornais, revistas e publicações *online*.

Para além de que ter estagiado na LeYa permitiu-me conhecer por dentro um grande grupo editorial, composto por muitas das mais antigas e prestigiadas editoras do país, o que, no entanto, não esquece a forte componente digital ligada às edições, procurando sempre a inovação e o progresso nesta tão vasta área.

Referências bibliográficas

- APEL (2005) *O Mercado do Livro Escolar em Portugal: Panorama e Reflexões*. Lisboa: APEL – Comissão do Livro Escolar. Versão disponível em pdf: http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/apel/estudos_estatisticas/O%20Mercado%20do%20Livro%20Escolar%20em%20Portugal.pdf
- APEL (2012) *Estudo do Setor de Edição e Livrarias e Dimensão do Mercado da Cópia Ilegal*. Lisboa: APEL em parceria com ISCTE-IUL: Março de 2012. Versão disponível em pdf: http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/EstudodoSetordeEdicaoLivrariasDimensaoMercadodaCopiaIlegal_06mar2012.pdf
- CARVALHO, Adalberto Dias de & Nuno Fadigas (2015) *A Evolução do Manual Escolar entre 1975 e 2014*. Porto: ORE – Observatório dos Recursos Educativos. Versão disponível em pdf: http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/Estudo_Manuais_1975_2014_2015_resumo.pdf
- DGE (n.d.) *Ano letivo de 2016/2017: Avaliação e certificação de manuais escolares*. Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/ano-letivo-de-2016-2017> (consultado em março de 2016)
- IPA (n.d.) *Edição escolar: construir uma educação para o futuro* (Manifesto). Genebra: International Publishers Association. Versão em português disponível em pdf: http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/PT_Manifesto_para_edicao_escolar.pdf
- n.d. (20015) «100 denúncias por incumprimento da lei dos manuais escolares» in *Jornal de Notícias*, 29 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.jn.pt/nacional/interior/100-denuncias-por-incumprimento-da-lei-dos-manuais-escolares-4751630.html> (consultado em fevereiro de 2016)
- OUP (2015) *Oxford University Press: Annual Report of the Delegates of the University Press 2014/15*. Oxford: Oxford University Press. Disponível em pdf: <http://fdslive.oup.com/www.oup.com/pdf/OUP%20Annual%20Report%202014-15.pdf>

- PINGEL, Falk (2010) *UNESCO Guidebook on Textbook Research and Textbook Revision*. 2ª ed. revista. Paris: UNESCO. Versão disponível em pdf: <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001171/117188e.pdf>
- RODRIGUES, Ricardo J. (2014) «Porque pagamos o que pagamos pelos manuais escolares?» in *Notícias Magazine*, 15 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.noticiasmagazine.pt/2014/porque-pagamos-o-que-pagamos-pelos-manuais-escolares/?print=1> (consultado em fevereiro de 2016)
- SEGUIN, Roger (1989) *The Elaboration of School Textbooks: Methodological Guide*. Paris: UNESCO – Division of Educational Sciences, Contents, and Methods. Versão disponível em pdf: http://www.unesco.org/education/pdf/55_16.pdf
- UNESCO (2005) *A Comprehensive Strategy for Textbooks and Learning Materials*. Paris: UNESCO – Section of Education for Peace and Human Rights & Division for the Promotion of Quality Education. Versão disponível em pdf: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001437/143736eb.pdf>

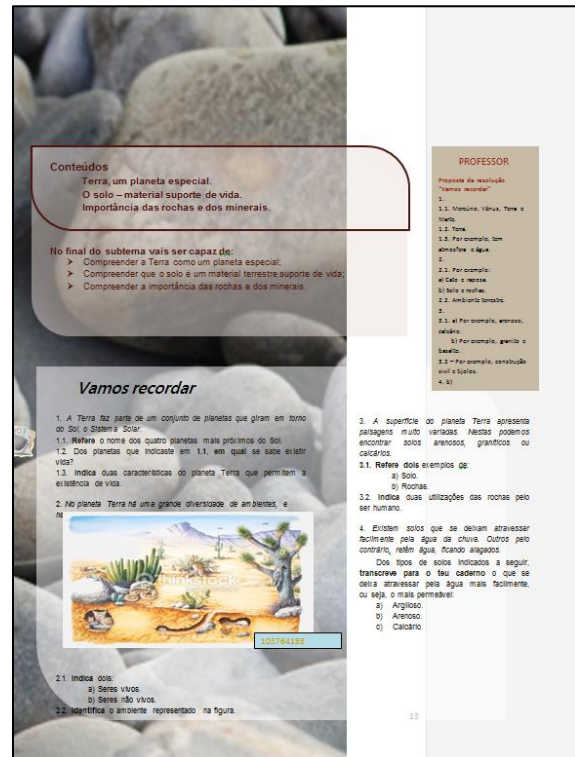
Webgrafia

- Grupo LeYa – www.leya.pt (consultado em janeiro de 2016)
- Grupo Pearson Education – <https://www.pearson.com/news/announcements/2016/february/pearson-2015-results.html> (consultado em fevereiro de 2016)
- Grupo Porto Editora – <http://www.grupoportoeditora.pt/> (consultado em janeiro de 2016)
- Grupo Santillana – <http://www.santillana.com/es/pagina/santillana-en-cifras/> (consultado em fevereiro de 2016)
- Texto Editores – <http://www.texto.pt/pt/gca/editora/> (consultado em fevereiro de 2016)

Anexos

Anexo 1

Comparação entre os primeiros originais dos autores com a 1ª prova e o ozalide final do Manual de Ciências Naturais do 5º ano – 100% Vida.



1. Primeiras páginas do original dos autores (Unidade 1 – Rochas).



2. Páginas 14 e 15 da 1ª prova (Unidade 1 – Rochas).



3. Páginas 18 e 19 do Ozalide final (Unidade 1 – Rochas).

Anexo 2

Exemplos de originais dos autores cujas informações das imagens selecionadas podem ser dadas através dos respectivos códigos dos bancos de imagens (1), indicações sobre as imagens que devem ser selecionadas (3), ou simplesmente não ter qualquer informação sem ser a marca de água das imagens que indicam o banco de imagens de onde foram retiradas (2).

5. Importância nas plantas

5.1. Onde vivem as plantas?

Na Natureza existe uma grande variedade de plantas, diferentes no tamanho, na forma e na cor que apresentam (Fig.1)




Fig. 1: Diversidade de plantas no tamanho, na forma e na cor.

Podemos encontrar plantas adaptadas a viver em ambientes terrestres e ambientes aquáticos muito diversos. As plantas vivem em zonas de água salgada ou salobra (Fig.2A), no cume das montanhas (Fig.2B), em ambientes secos (Fig.2C) ou ambientes de muita humidade (Fig.2D), com temperaturas muito elevadas ou muito frias (Fig.2E). O habitat das plantas fornece-lhes as condições adequadas de água, de luz, de temperatura e o alimento necessário à sua sobrevivência.




Fig. 2: Plantas adaptadas a viver em diferentes ambientes. Planta que vive em zonas de água salobra (Fig. 2A), plantas que vivem no cume das montanhas (B), em ambientes secos (C), em ambientes de muita humidade (D) e com temperaturas muito frias (E).

RESUMO

- Interações fundamentais na natureza por ordem decrescente de intensidade relativa: nuclear forte, eletromagnética, nuclear fraca, gravítica. A interação eletromagnética e a gravítica têm alcance infinito. A interação forte tem alcance ligeiramente maior do que a interação fraca (ambas atuam apenas no núcleo).
- Lei da Gravitação Universal: dois corpos atraem-se, exercendo um sobre o outro forças gravíticas de igual direção e intensidade ($F_g = G \frac{m_1 m_2}{r^2}$) e sentidos opostos. As forças têm origem na massa dos corpos. Peso: força gravítica exercida pela Terra sobre os corpos à sua superfície ou perto dela.
- Terceira Lei de Newton ou Lei da Ação-Reação: Se um corpo exerce uma força sobre outro, esse exerce sobre o primeiro uma força de igual intensidade e direção mas sentido oposto. As duas forças designam-se por par ação-reação e, como estão aplicadas em corpos diferentes, os seus efeitos não se anulam.
- Efeito do resultante das forças, F_R , sobre a velocidade de um corpo, v : se tiverem a mesma direção, o resultante das forças apenas altera o módulo da velocidade (aumentando-a se tiverem o mesmo sentido, diminuindo-a se os sentidos forem opostos) e a trajetória é retilínea; se tiverem direções diferentes a trajetória é curvilínea e a velocidade varia e, se forem sempre perpendiculares, varia a direção da velocidade mantendo-se o seu módulo.
- Aceleração média, \bar{a} : $\bar{a} = \frac{\Delta v}{\Delta t}$; define-se num intervalo de tempo; é uma variação de velocidade por unidade de tempo; unidade SI: m s⁻².
- Aceleração, a : define-se num instante; está associada à variação instantânea da velocidade. Se for constante é igual à aceleração média, o movimento é retilíneo e dá-se uniformemente variado (uniformemente acelerado se a velocidade aumentar e uniformemente retardado se a velocidade diminuir). Unidade SI: m s⁻².
- Aceleração, a , e velocidade, v : num movimento retilíneo têm a mesma direção (mesmo sentido se o movimento for acelerado ou sentidos opostos se for retardado); num movimento curvilíneo têm direções diferentes. Todos os movimentos curvilíneos têm aceleração porque a velocidade varia.
- Componente escalar da aceleração num dado instante é igual ao declive da reta tangente ao gráfico velocidade-tempo nesse instante.
- Segunda Lei de Newton: $F_R = m \cdot a$; F_R e a têm sempre a mesma direção e sentido porque m é um escalar positivo; m mede a inércia do corpo (resistência à variação de velocidade); os módulos F_R e a são diretamente proporcionais sendo m a constante de proporcionalidade.
- Queda livre: movimento de um corpo sujeito apenas à força gravítica (chamado «graves»); a sua aceleração designa-se por aceleração gravítica, g .
- Primeira Lei de Newton: se a resultante das forças sobre um corpo for nula o corpo permanece em repouso se estiver em repouso ou fica com movimento retilíneo uniforme se estiver em movimento.

Unit 3 Our body and senses

1. Look and match.

Picture of a stuffed animal

Picture of a sweet

Picture of a flower

Picture of a TV

Picture of a cat

Picture of eyes
SIGHT

Picture of nose
SMELL

Picture of ear
HEARING

Picture of mouth
TASTE

Picture of hands
TOUCH

Picture of sunglasses

Picture of a radio and music

Picture of chocolate

Picture of a bottle of perfume

Picture of a bell ringing

2. Complete the poem.

My Senses

My senses are a part of me.

A nose to a) _____ and eyes to b) _____.

Ears to c) _____ and hands to d) _____.

A tongue to e) _____ good food and such.

My senses are a part of me,
Working all in harmony.

taste see
 hear smell
 touch

Exemplos:

- Manual de Ciências Naturais do 5º ano (100% Vida) – Unidade 5.
- Manual de Física e Química do 11º ano (Jogo de Partículas 11) – Unidade 1.2
- Manual de Inglês do 4º ano (Seesaw 4) – Unidade 3.

Anexo 3

Exemplo de uma página de original dos autores do Manual de Ciências Naturais do 5º ano (100% Vida) com os códigos novos para as imagens (nas caixas a vermelho) e para as ilustrações (na caixa a amarelo).

1. Importância das rochas e do solo na manutenção da vida

1.7 Como se formam os solos?

Como pudeste verificar, os solos diferem nos seus constituintes e nas suas propriedades. Estas diferenças resultam da interação de vários **agentes erosivos**, que ao longo do tempo atuam sobre o material rochoso de origem (a **rocha-mãe**), formando os solos (figura 11). Na formação dos solos atuam:

- **agentes biológicos**, os seres vivos;
- **agentes atmosféricos**, como o vento, a chuva ou o gelo.

Vocabulário

Agente erosivo: fator que contribui para o desgaste das rochas e também do próprio solo.
Rocha-mãe: rocha que deu origem ao solo e que ainda se encontra abaixo dele.



Fig. 11 Desgaste das rochas pela ação dos seres vivos (A), do vento (B) e da água (C).

A **formação dos solos**, ou **gênese dos solos**, é um processo muito lento, que pode ocorrer ao longo de milhares de anos, desde o início da desagregação da rocha-mãe até ao solo maduro (figura 12).

1. O solo começa a formar-se a partir do desgaste da rocha-mãe, por ação dos agentes atmosféricos, como a chuva e o gelo.
2. Na rocha-mãe começam a surgir fendas que servem de habitat aos seres vivos. Estes, em conjunto com os agentes atmosféricos, desagregam cada vez mais a rocha, começando a formar-se argilas e a acumular-se matéria orgânica.
3. Com o passar do tempo e com a intervenção contínua de agentes atmosféricos e biológicos, começam a distinguir-se no solo algumas camadas horizontais a diferentes profundidades. A mais profunda é constituída essencialmente por matéria mineral. A mais superficial e mais exposta aos agentes que formam o solo, nomeadamente os seres vivos, tem maior quantidade de matéria orgânica. Nos espaços entre as partículas sólidas, além de matéria orgânica, existe água e ar.
4. Por fim, surgem os animais e as plantas de grande porte. Os excrementos dos animais, os restos de seres vivos e os materiais resultantes da sua decomposição vão enriquecendo o solo, que acaba por ficar constituído por várias camadas distintas, originando um **solo maduro**.



Fig. 12 Etapas da formação do solo:
1. Ação dos agentes sobre a rocha-mãe.
2. Na rocha-mãe começam a abrir-se fendas.
3. e 4. Com o passar do tempo, distinguem-se camadas no solo, e os animais e as plantas instalam-se.

Anexo 4

Folha Excel onde eram apontadas todas as ilustrações incluídas no Manual que seriam pedidas aos ilustradores (a minha tarefa consistia apenas em apontar o código, a descrição e o tipo).

IL CN5_PSIT.xlsx - Microsoft Excel															
N82															
	A	B	C	D	E	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V
1	Código	Descrição	Tipo	Pedido	1.ª P	PSIT									
2	D1	celula animal	IL	24.07	07.08	ok			80	125					
3	D2	celula vegetal	IL	24.07	07.08	ok			80	125					
4	D3	ciclo_agua_1 (recorda)	DT	04.09	16.09	emendar 28.12			80	125					
5	D4	agua_planeta	GRAF	04.09	01.10	anular			80	125					
6	D5	ciclo_agua_2	IL	08.09	12.10	emendar 28.12			80	125					
7	D6	agua_serres_vivos1	IL	01.10	19.10	ok			80	125					
8	D7	agua_orgaos	GRAF	01.10	19.10	ok			80	125					
9	D8	entrada_saida_agua	IL	30.09	20.10	ok			80	125					
10	D9	consumo_agua1	GRAF	30.09	14.10	ok			80	125					
11	D10	consumo_agua2	GRAF	30.09	14.10	emendar 28.1	18.01		80	125					
12	D11	ETA + ETAR	Sara	05.02					80	125					
13	D12	resumo visual_agua	resumo visual	a partir do D5		esboço			80	125					
14	D13	ciclo_agua_3	DT	04.09	24.09	ok	18.01		80	125					
15	D14	agua_serres_vivos2	DT	04.09	30.09	ok			80	125					
16	D15	agua_gastos	DT	30.09	26.10	ok			80	125					
17	D16	ETA_ETAR	DT	30.09	14.10	ok			80	125					
18	D17	Biosfera	IL	04.11	em análise	ok			80	125					
19	D18	zoologia_botanica_ecologia	esquema	09.10	23.11	ok	18.01		80	125					
20	D19	areas protegidas	mapa	09.10	30.10	emendar 28.1	18.01		80	125					
21	D20	seres vivos do solo	IL	09.10	20.11	ok			80	125					
22	D21	composição do solo	GRAF	09.10	30.10	ok	redimensi		80	125					
23	D22	funções do solo	esquema	09.10	03.11				80	125					
24	D23	formação do solo	IL	03.11	15.12	redimensionar			80	125					
25	D24	perfil do solo	IL	03.11	ok	ok			80	125					
26	D24b	perfil do solo p/ avaliação	IL	03.11	ok	ok			80	125					
27	D25	rochas em PT	mapa	03.11	ok	emendas nas provas			80	125					
28	D26	info rochas e solo	INFO	03.11	esboço	p/ AA p/ com	18.01		80	125					
29	D27	diversidade de ambientes (recorda)	existe foto/IL	03.11	ok	ok			80	125					
30	D28	camadas da atmosfera		26.11	esboço	ok			80	125					
31	D29	índice IQAr	MAPA	26.11	ANULADO?				80	125					
32	D30	temperatura terrestre		26.11	ok				80	125					
33	D31	composição do ar	GRAF	26.11	ok	ok			80	125					
34	D33	buraco do ozono		26.11	emendar 18.01				80	125					
35	D34	efeito de estufa		26.11	ok				80	125					
36	D35	qualidade do ar	GRAF	26.11	vou refazer o pedido				80	125					
37	D36	ar_poluicao	INFO	26.11	esboço ok	08.01	18.01		80	125					
38	D37	gráfico constituição do ar	GRAF	26.11	ok	ok			80	125					
39	D32	simetria nos animais		26.11	ok	ok			80	125					

Anexo 5

Primeiras páginas dos Cadernos de Apoio ao Professor dos manuais de Física e Química – 11F e 11Q.

CAD 11F
passar AO
03.11.15
Catarina

Índice

1. Objetivos do Caderno de Apoio ao Professor	3
2. Linhas orientadoras do manual 11F	4
3. Uma calendarização possível	5
4. Trabalho prático	7
4.1 Competências a desenvolver pelos alunos	7
4.2 Utilização de material necessário para as atividades	8
4.3 Atividades com utilização de calculadoras gráficas	9
4.4 Sugestões e algumas respostas às atividades laboratoriais	20
4.5 Grelha de observação do trabalho do aluno em sala de aula	35
5. Valores típicos de algumas grandezas físicas	38
6. Teste final	37
7. Bibliografia	44
8. Sítios na Internet	48

1. Objetivos do Caderno de Apoio ao Professor

Este Caderno de Apoio ao Professor fornece informação e recursos complementares para ajudar todos os professores que se encontram a trabalhar com o manual escolar 11F.

O Caderno de Apoio ao Professor explica as linhas orientadoras do manual e fornece informação complementar sobre o trabalho prático. Serve igualmente para enquadrar e dar pistas de exploração dos materiais que acompanham o manual. Este caderno contém também um Teste Final com conteúdos do 11.º ano.

Apresentamos, ainda, tabelas com valores típicos de algumas grandezas físicas que poderão auxiliar o professor a citar as suas próprias questões.

Finalmente, fornece um conjunto diversificado de referências bibliográficas e sítios na Internet.

Atendendo à importância central do trabalho experimental em física, uma parte da informação contida neste Caderno de Apoio ao Professor está relacionada com a prática laboratorial. Esperamos que essa informação ajude o professor, proporcionando-lhe recursos úteis para a prossecução dessa importante componente.

Também é dada informação sobre as atividades com calculadoras gráficas, quer ao nível dos objetivos pedagógicos quer ao nível mais técnico da utilização da calculadora e dos programas referentes à aquisição de dados experimentais. As instruções que aparecem em 11F e neste Caderno de Apoio ao Professor correspondem:

- 1) à calculadora TI 84 Plus, ao software de movimento CBR e à interface CBL2, da Texas Instruments (o que permite acionar e tratar dados recolhidos em tempo real; temperatura, tensão, intensidade da luz, etc.);
- 2) à calculadora FX-5890 e à interface Data Analyzer EA-200, ambas da Casio (que permite também armazenar dados recolhidos em tempo real).

CAD 11Q
Aplicar acordo ortográfico
3.11.15
Catarina

Índice

1. Objetivos do Caderno de Apoio ao Professor	2
2. Linhas orientadoras do manual 11Q	2
3. Uma calendarização possível	3
4. Respostas às atividades do manual	5
5. Apoio complementar à componente laboratorial	11
5.1 Diretrizes e sugestões para a componente laboratorial	11
5.2 Respostas às questões das atividades laboratoriais	16
5.3 Instruções de funcionamento de equipamento laboratorial	22
6. Guia de exploração das transparências	25
7. Exploração do programa Le Chat	28
7.1 Requisitos mínimos	28
7.2 Objetivos do programa	28
7.3 Modo de funcionamento	28
7.4 Recursos do programa	29
7.5 Roteiros de exploração do Le Chat	29
8. Chuva normal e chuva ácida usando SATO	34
9. Frases de risco e frases de segurança	42
10. Bibliografia e sítios da Internet	48

1. Objetivos do Caderno de Apoio ao Professor

Este Caderno fornece informação e recursos complementares para ajudar os professores que se encontram a trabalhar com o projeto 11Q.

O Caderno de Apoio ao Professor explica as linhas orientadoras do manual e fornece informação complementar sobre o trabalho laboratorial. Serve igualmente para enquadrar e dar pistas de exploração dos materiais que acompanham o livro. Finalmente, fornece um conjunto diversificado de referências bibliográficas.

Atendendo à importância central do trabalho experimental em Química, uma parte substancial da informação aqui contida está relacionada com a prática laboratorial. Esperamos que essa informação ajude o professor, proporcionando-lhe ideias e recursos úteis para a prossecução dessa componente.

2. Linhas orientadoras do manual 11Q

Marçamos em 11Q as mesmas linhas orientadoras adoptadas no projeto 10Q, ou seja:

- pleno cumprimento do Programa;
- grau de aprofundamento conveniente;
- multiplicidade de atividades e questões;
- diversificação das opções de ensino e aprendizagem;
- valorização da componente laboratorial do Programa.

Mencionamos também alguns aspetos que caracterizam este manual, tais como:

- atividades práticas numerosas e variadas;
- atenção permanente às relações entre ciência, tecnologia e sociedade;
- ligação entre a Física e a Química;
- inclusão no corpo do manual de questões resolvidas;
- questões diversificadas no final de cada unidade;
- ênfase na segurança no laboratório;
- questões específicas para as atividades laboratoriais.

Note-se que reforçamos as notas laterais do livro, resumindo assim os assuntos mais relevantes. Embora mantendo um número elevado de questões no final de cada unidade, esforçamo-nos por diversificar as propostas de trabalho, incluindo atividades mais abertas e questões menos tradicionais, que constituem desafios interessantes e formativos para os alunos, em sintonia com as finalidades do Programa.

No seguimento da estrutura definida em 10Q para a componente laboratorial, também em 11Q consideramos:

- clarificação dos conceitos relacionados com as tarefas prático-laboratoriais;
- descrição das técnicas e das regras de segurança;
- estruturação das atividades a partir de questões ou problemas;
- exploração através de questões pré-laboratoriais e pós-laboratoriais;
- inclusão de algumas questões resolvidas.

Anexo 6

Exemplos de algumas páginas de originais dos autores do Manual de Ciências Naturais do 5º ano (100% Vida – Unidade 6) nas quais fiz revisão.

6. A célula, unidade básica da vida

Robert Hooke observou um fino corte de cortiça e descobriu que esta era formado constituída por numerosos poros, como num favo de mel, que denominou "células" (Fig. 4). O termo ainda hoje é utilizado para designar a unidade básica dos seres vivos.




Fig. 3 Microscópio óptico de Robert Hooke.




Fig. 4 Células de cortiça observadas através do microscópio de Robert Hooke.

Os microscópios mudaram a forma como vemos o mundo, tornando visíveis os seres que, até então ao momento, eram invisíveis. Surgiu, então, a microscopia, a ciência que estuda e realiza aplicações utilizando o microscópio. A evolução do microscópio permitiu grandes avanços no conhecimento científico, com benefícios, por exemplo, para a biologia, a medicina e a indústria alimentar.

Vocabulário

Microscopia — ciência que estuda e realiza aplicações utilizando o microscópio.

Toma nota

✓ O holandês Anton van Leeuwenhoek e o inglês Robert Hooke, através do seu contributo na evolução do microscópio, permitiram grandes avanços no conhecimento científico.

Verifica se sabes

1. Completa a frase: a descoberta do microscópio foi importante porque...
 - a) permitiu observar objetos de grandes dimensões.
 - b) permitiu observar objetos que, até então, eram invisíveis a olho nu.
2. Quais foram os cientistas que mais contribuíram para a evolução do microscópio?
3. A que se deve o nome de célula?

Professor

Promove a curiosidade
Verifica se sabes

1. O microscópio permitiu a observação de objetos invisíveis a olho nu.
2. Anton van Leeuwenhoek e Robert Hooke.
3. O nome de célula deve-se aos poros da cortiça.

Formatted: Font: Not Bold

Formatted: Underline

Formatted: Underline

Comment [CD1]: A resposta do 1 deveria condizer com a pergunta, ou seja, ser só: "1. b)."

6. A célula, unidade básica da vida

Agora que já conheces as principais regras de utilização do microscópio ótico composto, vamos descobrir que características têm as imagens microscópicas.

Investiga

PROBLEMA: Que características tem a imagem observada em o microscópio?

A – Material que vais utilizar

- Microscópio ótico
- Pinça
- Papel
- Lâmina de vidro
- Agulha
- Tesoura
- Lamela
- Conta-gotas
- Marcador
- Papel de filtro

LAB20

B – Como vais proceder

1. Corta um pequeno pedaço de papel e escreve «a letra «R».
2. Com o conta-gotas, coloca uma gota de água no centro da lâmina.
3. Com a ajuda da agulha e da pinça, coloca a letra «R» sobre a gota de água. Certifica-te de que a letra fica voltada para ti.
4. Coloca a lamela sobre a gota de água com o auxílio da agulha.
5. Retira o excesso de água com papel de filtro.
6. Foca a preparação. Não te esqueças de seguir as regras de iluminação e de focagem, descritas na página 194 6.
7. Observa a tua preparação com a objetiva de menor poder de ampliação. Regista a ampliação da imagem obtida.
8. Movimenta a platina para a direita, sempre olhando sempre pela lente ocular. Regista para que lado se deslocou a imagem.
9. Desloca Move agora a platina para a esquerda. Regista para que lado se deslocou a imagem.
10. Observa agora a preparação com uma objetiva de maior poder de ampliação. Regista a ampliação da imagem obtida.

Nota: para determinares a ampliação da imagem obtida pelo microscópio deves calcular o produto da ampliação da lente ocular pela ampliação da lente objetiva:

$$\text{Ampliação ocular} \times \text{Ampliação objetiva} = \text{Ampliação Total}$$

C – Regista as tuas observações

1. Faz um esquema da posição da letra «R» que está colocada na platina e da sua imagem em o microscópio (7 e 10).

D – Interpreta as tuas observações

1. A letra «R» quando é observada através do microscópio tem a mesma orientação de quando quando é observada sem o microscópio?
2. Para que lado se deslocou a imagem quando movimentaste a platina para a tua direita?
3. Para que lado se deslocou a imagem quando movimentaste a platina para a tua esquerda?
4. O que aconteceu à imagem observada quando trocaste de objetiva?

E – Regista as tuas conclusões

1. Quais são as características das imagens fornecidas pelo microscópio ótico?

Professor

Problema de investigação

Formatted: Underline

C.



D.

1. A imagem é maior e está invertida.
2. Para a esquerda.
3. Para a direita.
4. Ficou maior.

E.

A imagem microscópica é ampliada e invertida nos dois sentidos.

Para a realização desta atividade, o docente pode utilizar letras recortadas de um jornal ou revista. Pode utilizar, por exemplo, as letras P, «R» ou F.

Caderno de Atividades
Relatório N.º 10

6. A célula, unidade básica da vida

6.4 Qual é a importância do microscópio eletrônico?

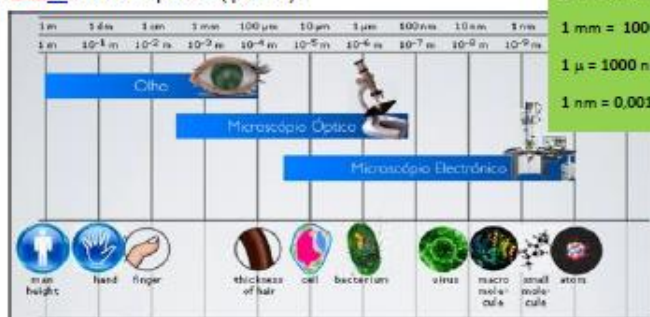
Em 1931, o físico alemão Ernest Ruska apresentou o microscópio eletrônico, permitindo-o que permitiu a observação de imagens com pormenores, que tomaram possíveis descobertas científicas até à altura desconhecidas.

Atualmente, o microscópio eletrônico possibilita uma ampliação do objeto até cerca de um milhão de vezes o seu tamanho real (Fig. figura 10).



Fig. 10 - Microscópio eletrônico

O microscópio eletrônico apresenta um poder de ampliação muito superior às do microscópio ótico (quadro 1).



1 m = 1000 mm
1 mm = 1000 µ (micron)
1 µ = 1000 nm (nanômetro)
1 nm = 0,001 µ

D63

Através do microscópio eletrônico, foi-tomou-se possível observar as células com maior detalhe, revelando estruturas no seu interior que, até então, eram desconhecidas. Estes microscópios possibilitaram a descoberta dos vírus. O poder de resolução destes microscópios é superior ao do microscópio ótico, ou seja, produzem imagens mais pomenorizadas -e a preto e branco (Fig. figura 11).



Fig. 11 - Daphnia observada através do microscópio eletrônico (A) e Daphnia observada pelo microscópio ótico (B). As cores observadas na imagem A foram adicionadas.

Professor

Meta Curricular
1.4. Discutir a importância do microscópio eletrônico, com base em imagens e poderes de resolução.

Proposta de exploração
Plano de aula N.º

Formatted: Font: Not Bold

Comment (JM4): Fonte: <http://impeletrio.fr.ufpr.br/page2/imagens2.htm>
Pretendemos que no gráfico apareça uma régua com as primeiras unidades de medida (topo). Não se colocara as conversões na régua mas num quadro lateral (conversões na caixa de texto azul). As dimensões viriam apenas até ao nanómetro.

Formatted: Font: Not Bold

6. A célula, unidade básica da vida

6.5 Como são constituídos os seres vivos?

Em meados do século XIX, o botânico alemão Matthias Jakob Schleiden e o zoólogo, também alemão, Theodor Schwann, através das suas descobertas com o uso do microscópio, elaboraram a Teoria Celular, que a qual estabelece que todos os seres vivos são constituídos por uma ou mais células. A célula é a unidade fundamental de todos os seres vivos.

As células não são todas iguais, elas variam na forma e no tamanho, pois têm funções diferentes. Algumas células são achatadas, como, por exemplo, os glóbulos vermelhos. Outras são esféricas, como os glóbulos brancos, ou alongadas, como as células musculares lisas. (Figura 13).

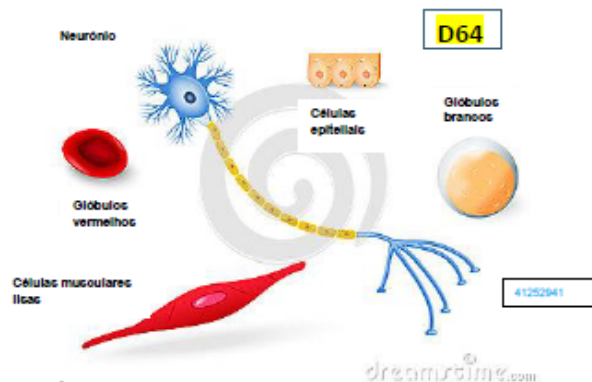


Fig. 13- Células.

A maioria das células, por terem uma dimensão muito reduzida, só são visíveis ao microscópio. No entanto, existem no entanto células que, por serem muito grandes, podem ser observadas à vista desarmada, como, por exemplo, a gema do ovo da galinha. (Figura 14).



Fig. 14- Célula animal – ovo da galinha.

Professor

Meta Curricular

15.1. Apresentar uma definição de célula.
15.2. Distinguir diferentes tipos de células, relativamente à morfologia e ao tamanho, com base na observação microscópica de material biológico.

Proposta de exploração
Plano de aula N.º

Vocabulário

Teoria celular – estabelece que todos os seres vivos são compostos por células.

Célula – é a unidade fundamental de todos os seres vivos.

100% Curioso
A vida de uma célula é muito variável. Por exemplo, no ser humano, existem células que nos acompanham a vida toda, como os neurónios. Já os glóbulos vermelhos vivem cerca de 120 dias.


Anexo 7

Exemplos de algumas páginas de originais dos autores do Manual de História e Geografia de Portugal do 5º ano (*Novo HGP 5 – Unidade 3*) nas quais fiz revisão.

1.1 – A (RE)DESCOBERTA DA MADEIRA

Relembra... O arquipélago da Madeira foi oficialmente ~~“redescoberto”~~ em 1419 por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira.

O Brasão de Armas da Família Zarco



Doc. 1 – O brasão de armas da família Zarco.

À DESCOBERTA DAS PALAVRAS

Escudeiro – ~~Pagem~~ (Criado) que carrega o escudo do seu “patrão”, acompanhando-o na guerra.

Brasão de armas – Conjunto de desenhos e elementos simbólicos, muitas vezes, em forma de escudo, que identificam e distinguem uma família importante.

Armar cavaleiro – Cerimónia onde os homens nobres se tornavam cavaleiros.

1. Que animais consegues identificar no brasão de armas da família Zarco ~~(Doc. 1)?~~

2. Que cores predominam no brasão de armas da família Zarco ~~(Doc. 1)?~~

A importância da família Zarco no desenvolvimento do arquipélago da ~~M~~Madeira

Por volta de 1460, o rei D. Afonso V reconheceu o trabalho de João Gonçalves Zarco à frente da capitania do Funchal e concedeu-lhe um brasão de armas e um novo apelido – Câmara de Lobos. A descrição do brasão diz o seguinte: «Campo verde, em memória do verde da ilha, com uma torre, sinal da defesa da mesma, ladeada por dois lobos, em memória dos muitos lobos-marinhos que naquela altura existiam em torno do Funchal, especialmente nas fumas e praias a poente (atual cidade de Câmara de Lobos)». Desde esta data, João Gonçalves Zarco passou a chamar-se João Gonçalves da Câmara, o mesmo apelido foi também usado pelos seus descendentes.

O que é curioso é que os primeiros brasões foram pintados no continente e ~~lá~~, por não saberem o que eram lobos-marinhos, pintaram lobos comuns no brasão dos Câmara...

Repara agora no brasão com os lobos pintados (doc. 1) ~~---~~. Não se parecem muito com ~~lobos~~-lobos-marinhos, pois não?

Qual o rei português que reconheceu o trabalho de João Gonçalves Zarco na capitania do Funchal?

A partir de 1460, como se passou a chamar João Gonçalves?

Eu vivo... em Câmara de Lobos e vou procurar informações sobre o brasão de armas do município da minha cidade.

1.1 – A (RE)DESCOBERTA DA MADEIRA

Os (re)descobridores da Madeira

TRISTÃO VAZ TEIXEIRA



Escudeiro, e mais tarde cavaleiro da casa do infante **D. Henrique**, destacou-se nas guerras de África. Armou uma caravela e, com João Gonçalves Zarco, acabou por chegar à Madeira em 1419.

Como recompensa, o infante entregou-lhe a capitania norte da ilha (capitania de Machico). Por volta de 1420, casou no continente com Branca Teixeira, de quem teve inúmeros filhos que deram origem a várias famílias madeirenses. Como a família da sua mulher era importante, passou a usar o seu apelido. Depois de ter cometido atrocidades contra um fidalgo degredado que mantivera uma relação ilícita com uma das suas filhas, foi-lhe retirada a capitania. A 17 de **Fevereiro** de 1452, D. Afonso V perdoou-lhe as ofensas e autorizou-o a regressar a Machico, que governou por mais algum tempo. Porém, por ter alguns negócios no Algarve, mudou-se para Silves, onde faleceu, provavelmente nos anos 80 do século XV.

BARTOLOMEU PERESTRELO



De ascendência italiana, filho de Filippo Pallastrelli, terá nascido por volta de 1400, em Lisboa, era cavaleiro da casa do infante e, em 1446, foi encarregue por este do povoamento da ilha do Porto Santo. Casou por três vezes, mas do seu casamento com Isabela Moniz nasceu Filipa Perestrelo, que contraiu matrimónio com **Cristóvão Colombo** por volta de 1479. Morreu em 1457 ou 1458.

JOÃO GONÇALVES ZARCO



Segundo alguns historiadores, era neto materno de João Afonso, importante funcionário de D. João I, **Escudeiro** da casa do infante, foi um dos homens enviados por D. Henrique para descobrir e explorar as ilhas do **Atlântico**. Não se conhece ao certo a sua origem, mas alguns historiadores apontam Tomar como a sua terra natal; outros adiantam Matosinhos, Porto ou mesmo Lisboa.

Participou na conquista de Ceuta, onde foi **armado cavaleiro**, e mais tarde terá estado no cerco a Tânger. Em 1419, faz o reconhecimento do arquipélago da Madeira, que desde então passa a ser território português. Foi-lhe entregue a capitania do Funchal. Casou com Constança Rodrigues, da qual teve seis filhos. D. Afonso V, por carta de 4 de julho de 1460 concede-lhe novo apelido – Câmara de Lobos – e brasão de armas. Morreu em idade avançada, possivelmente em 1467, e foi sepultado no Funchal, na capela de **Nossa Senhora da Conceição** (de Cima), que mandara edificar.

1. Quem foram os navegadores que participaram na redescoberta da Madeira?
2. A quem entregou o infante D. Henrique a capitania norte da ilha da Madeira?
3. Com quem casou Tristão Vaz Teixeira?
4. Completa a frase: «Bartolomeu Perestrelo tinha ascendência...».
5. A Bartolomeu Perestrelo foi-lhe entregue o povoamento de que ilha?
6. Como se chamava a filha de Bartolomeu Perestrelo que casou com Cristóvão Colombo?
7. Em que importante conquista participou João Gonçalves Zarco?
8. Qual a capitania que foi entregue a João Gonçalves Zarco?
9. Com quem casou João Gonçalves Zarco?
10. A partir de 1460, a família Zarco passa a ter um novo apelido. Qual?

Eu vivo... no Porto Santo e procuro "vestígios" dos primeiros povoadores dessa ilha.

Exemplos de algumas páginas do Capítulo V do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Manual de Português do 11º ano (*Mensagens II* – Unidade 1), nas quais a obra de onde foi retirada o *Sermão* foi alterada, pelo que efetuei as respetivas alterações já depois de a unidade ter sido paginada (as emendas feitas por mim encontram-se a azul).

38

Unidade 1 | O POBRE ANTONIO VIEIRA

39

PROFESSOR

Letras
DL

Educação Literária
12.3.12.3.4.5.6.14.15.
16.7.18.19.20.21.22.23.25.
26.27

Gramática
12.11.18.2

Ocultidade
12.13.14.22.43.43.5.5.5.5.
5.6.10.11.12.13.2

Ponto de Partida

Letras

As três citações abordam a questão da representação (romanesco) crítica, caracterizada por contestar e recriar com paródia. Adotando essa perspectiva, o aluno, além de analisar o texto, poderá estabelecer um paralelo com o conteúdo abordado em outras disciplinas.

Tudo isso vai ser desenvolvido durante o Semestre – responder as várias perguntas – responder as várias perguntas.

PONTO DE PARTIDA

1. Expresse o seu ponto de vista sobre citações de personalidades reconhecidas, justificando e relacionando-o com o objetivo do Semestre.

“Profeta ou que me criticam, porque não corrigem, pois que me elogiaram, porque me corrigiram?”

“Encerrando depois de uma encerração e do depois de um aquecimento.”

Sorin Agripino (1704-470)

“Encerrando depois de uma encerração e do depois de um aquecimento.”

Shimon Volpogov von Gótske (1745-1832)

“Encerrando depois de uma encerração e do depois de um aquecimento.”

Abraham Lincoln (1809-1832)

EDUCAÇÃO LITERÁRIA

Intenção persuasiva e exemplaridade

Observe atentamente o Capítulo V do Semestre.

Capítulo V

Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costela, no mesmo dia em que cheguei à ilha, ouvindo os Roncadores fê-loendo o seu tamanho, tanto que me vieram o tórax e a ira. É possível que sendo vós uns peixinhos tão pequeninos, haveis de ser os maiores do mar? Se com uma linha de canela um alfinete trocador vos pode picar um alcinjão, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncam. Dize-me! o Espadarte porque não ronca? Porque ordinariamente quem tem muita espada tem pouca língua. Isto não é regra geral, mas é regra geral que Deus não quer Roncadores, e que tem particular cuidado de abarbel humilhar aos que muito roncam. Há Pedro, a quem muito bem conheciam vossos antepassados, tinha tido sua espada, que de um avanço contra um certo interior de Soldados Romanos, e Cristo não lhe mandara meter na bainha, eu vos prometo que havia de cortar a cabeça de Aze-Malco. Como que! que mecedes naquela mesma de tã? Tinha roncado e barbatado? Pedro que se todos fizessem só de cabeça de freguês mais que todos, e bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremor e negar. Antes disso já tinha fragegado na mesma hora que prometia tanto de si. Dize-lhe Cristo: Hão Frago que vigiasse, e vindo daí a pouco a vez se o fazia, achou dormindo com tal descuido, que não só o acordou do sono, senão também do que tinha brançado. *Se não paraisse uma hora vigiasse nem um*

Logo depois de

20 [Vós, Pedro, sois o valente que haveis de morrer por mim, e não pudeis fazer uma hora vigiar comigo? Pouco há tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas assim sucedeu. O muito roncar antes da ocasião é sinal de dormi nela. Pois que vos pareis, irmãos Roncadores? Se isto sucedeu ao maior pescador, que pode acontecer ao menor peixe? Medo-vos, e logo vereis quais poucos fundamente tendes de [humilhar, nem roncar.

Se os Bábais roncaram, tinha muito descuido a sua arrogância na sua grandura. Mas ainda nas mesmas Bábais não seria essa arrogância segura. O que é a Bábica entre os peixes e o Gigante Golias entre os homens. Se o Rio Jordão e o mar de Tiberíades têm comunicação com o Oceano, como devem ter, pois dele manam todos bem deveis de saber que este Gigante era a rona dos Filisteus. Quarenta dias continuas estais armado no campo, desafiando a todos os arraia de Israel, sem haver quem se lhe atrevesse e não sabo que fim teve toda aquela arrogância? Bastou um pastorzinho com um cajado e uma funda, para dar com ele em terra. O arrogante sobe o tronco sem de Deus; e quem se toma com Deus sempre fica debaixo. Assim que, antigos Roncadores, o verdadeiro conselho é calar e limitar a [M] António. Duas coisas há nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambos imitam o sabelê e poder. Cautel! ronca de saber. Vós sozeis pigreiros, Filisteus! ronca de poder. Não quis perentor, *António*? E ambos contra Cristo. Mas se fôsse de Cristo, António, tendo tanto saber, como já eu disse, e tanto poder como vós mesmos experimentastes, ninguém houve jamais que o onviesse falar em sabelê ou poder, quanto mais [humilhar disse. E porque já tanto calou, por isso deu tamanho brado.

Nesta vigiagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a linha Equinocial, vi debaixo dela o que muitas vezes tinha visto e notado nos homens, e me admira que se houvesse entendido esta rona e pagado tamanho aos peixes. Pegadores? se chamam estes de que agora falo, e com grande propriedade, não pegam, não seque, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhe pegam aos costados, que jamais os deixam. De alguns animais de menos força e indolência se conta que se desque de longe aos Leões e canas, para se sustentarem do a deles se vê. O mesmo fazem estes Pegadores, não seguem ao parêto como aqueles ao adeg; e o peixe grande não pode debelar a cabeça, nem voltar a boca sobre o que traz a conta, e assim se sustenta o peixe mais de fome. Este modo de vida, mais autro que generoso, se acasleja ao peixe de um elemento a outro, sem divida que o apredaram os peixes do alio de peixe que os nossos Portugueses o navegaram; porque não parte Vós [M] os Governador para as Conquistas, que não há rodado de Pegadores, os quais se armam a eles, para que os lhe matem a fome, de que lá não tinham remédio.

Os meus ignorantes desengamados da experiência, despegam-se e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados a mercede fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos Pegadores do mar.

1. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

2. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

3. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

4. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

5. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

6. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

7. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

8. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

9. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

10. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

11. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

12. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

13. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

14. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

15. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

16. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

17. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

18. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

19. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

20. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

21. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

22. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

23. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

24. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

25. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

26. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

27. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

28. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

29. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

30. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

31. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

32. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

33. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

34. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

35. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

36. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

37. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

38. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

39. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

40. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

41. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

42. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

43. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

44. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

45. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

46. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

47. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

48. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

49. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

50. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

51. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

52. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

53. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

54. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

55. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

56. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

57. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

58. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

59. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

60. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

61. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

62. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

63. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

64. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

65. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

66. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

67. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

68. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

69. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

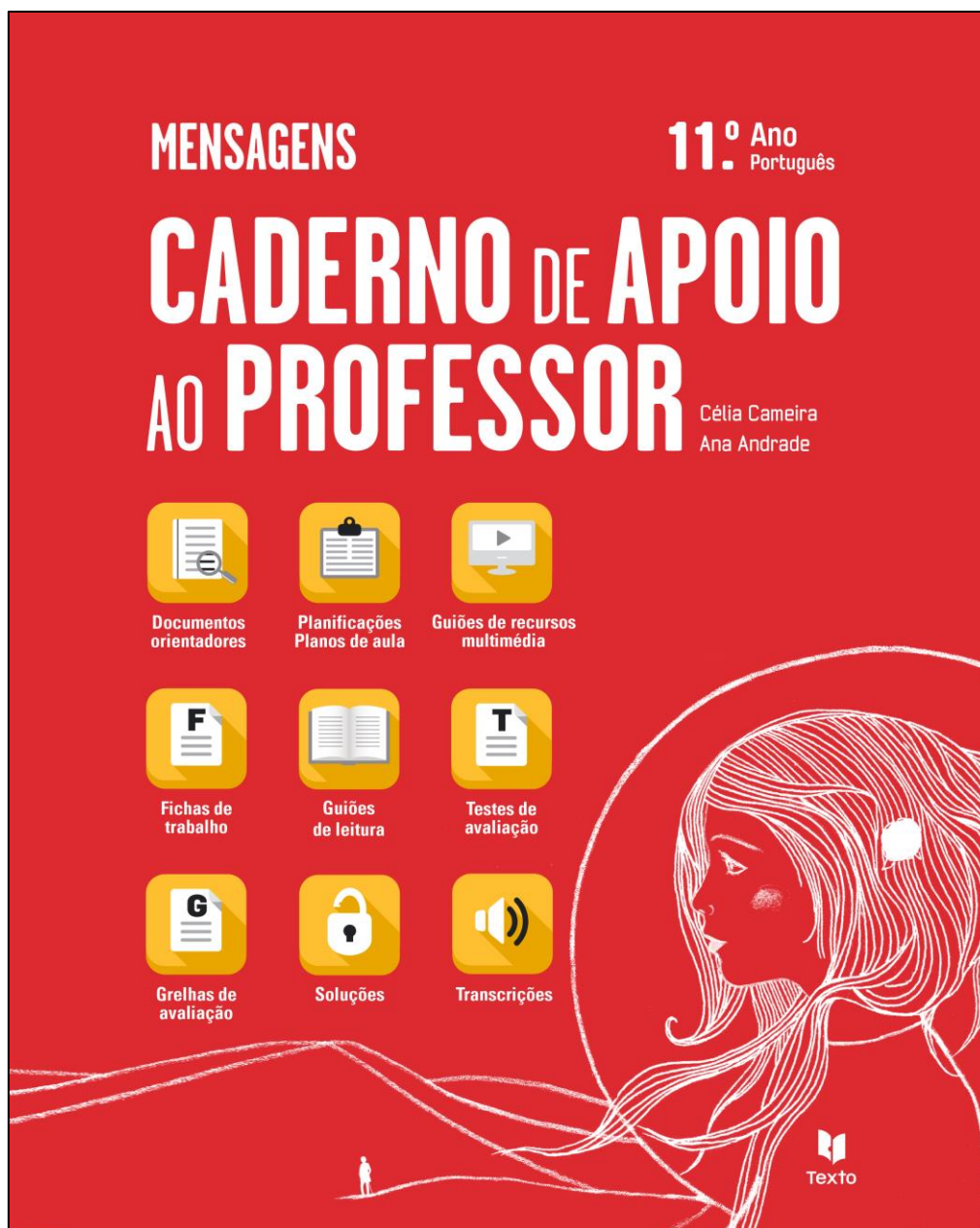
70. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

71. Babel: pelo peçoço que criou se parou com o de um peçoço.

[illegible]

Anexo 9

Capa do Caderno de Apoio ao Professor do projeto de Português do 11.º ano (*Mensagens 11*), onde são visíveis os seus principais tópicos.



Fichas de Trabalho de Gramática onde estão incluídos os textos dos discursos de Malala Yousafzai e de Barack Obama antes (com emendas) e depois das alterações nas traduções.

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Discurso político

Lê o seguinte texto:

H honorar

Muito me orgulha ter sido a primeira ^{Sinto muito orgulho em ser} *pachun*, a primeira paquistanesa e a primeira adolescente a receber este prêmio. E tenho ^{uma certeza} a certeza absoluta de ser ^{uma pessoa} também a primeira pessoa a receber um Nobel da Paz que ainda briga com os seus irmãos mais novos. Eu quero que a paz se espalhe por todos os cantos, mas os meus irmãos e eu ainda estamos a trabalhar nisso. (...)

Estou aqui para afirmar os seus direitos, dar-lhes voz... Não é hora de nos lamentarmos por elas. É hora de agir, para que seja a última vez que vemos uma criança sem direito à educação. (...)

1-1 durante os meus

A educação é uma das bênçãos da vida — e uma das suas necessidades. Essa tem sido a minha experiência pelos dezassete anos em que vivi. Em minha casa, no vale Swat, no norte do Paquistão, sempre adorei a escola e aprender coisas novas. Lembro-me que quando as minhas amigas e eu enfeitávamos as mãos com hena para as ocasiões especiais, em vez de desenhar flores e padrões nós pintávamos as mãos com fórmulas e equações matemáticas. (...)

14 decrévamos

Mas as coisas mudam. Quando eu tinha dez anos, Swat, que era um recanto de beleza e turismo, de repente transformou-se num lugar de terrorismo. Mais de quatrocentas escolas foram destruídas. As meninas foram impedidas de frequentar a escola. As mulheres foram açoitadas. Pessoas inocentes foram assassinadas. Todos sofremos. E os nossos belos sonhos transformaram-se em pesadelos. (...) A educação deixou de ser um direito e passou a ser um crime.

Eu tinha duas opções, a primeira era permanecer 'calada' e esperar para ser assassinada. A segunda era erguer a voz e, em seguida, ser assassinada. Eu escolhi a segunda. (...)

Embora na aparência eu seja ^{pareça} uma menina, uma pessoa com um metro e cinquenta e sete de altura, contando com os saltos altos, eu não sou uma voz solitária, eu sou muitas. (...)

Eu sou aqueles 66 milhões de meninas que estão fora da escola.

2) [As pessoas gostam de me perguntar por que ^{devemos as meninas ir à escola} é que a educação é importante, especialmente para as meninas.] A minha resposta é sempre a mesma.

[O que eu aprendi da leitura dos dois primeiros capítulos do Alcorão Sagrado foram as palavras *Iqra*, que significa “leitura”, e *nun wal-qalam* que significa “pela caneta”.]

Assim, tal como eu disse no ano passado nas Nações Unidas: "Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo." (...)

1 Parte: grupo etnolinguístico
do Alcanistão e do Paquistão

L Números lúmbes do Tórax
Dorsal bloques de Naloxe

19 Não podemos ficar de lado e ver as injustiças dos terroristas a negarem-nos os nossos direitos, a moldarem cruelmente as pessoas e a usarem indiscriminadamente a força da lei. →

Ficha de trabalho 12

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Domínio: Gramática

Discurso político

Lê o seguinte texto:

Discurso (...) de vitória de Barack Obama

Se alguém ainda duvida que a América é o lugar onde ^{tudo é possível} todos os sonhos são possíveis, se ^{ainda} questiona se os sonhos dos nossos fundadores ainda estão vivos, se ainda questiona o poder da nossa democracia, ^{esta noite é a nossa resposta} teve esta noite a resposta. ^{esta noite é a nossa resposta}

Foi a resposta dada pelas filas que se estendiam à volta das escolas, das igrejas em números que a nossa nação nunca viu antes, feitas ^{por} de pessoas que esperaram três a quatro horas, muitas pela primeira vez nas suas vidas, porque acreditavam que desta vez ^{era} tinha de ser diferente, que as suas vozes podiam fazer a diferença. (...)

Levou muito tempo, mas esta noite, ^{graças ao} por causa do que fizemos hoje, nesta eleição e neste momento decisivo, a mudança chegou à América. (...)

O caminho que nos espera é longo. A nossa subida difícil. Podem não chegar lá num ano, ou mesmo num mandato. Mas, América, nunca tive tanta esperança como a que tenho hoje de que chegaremos lá.

Prometo-vos, que como ^{povo} pessoas chegaremos lá.

Teremos contrariedades e falsas partidas. Haverá muitos que não irão concordar com ^{todas as decisões} cada decisão que tomarei como presidente. E sabemos que o governo não é capaz de resolver todos os problemas. ^{orei}

Mas serei sempre honesto convosco em relação aos desafios que enfrentarmos. ^{irei} Vou ^{ouvir} ouvir-vos, ^{principalmente} em especial quando discordarmos. E, acima de tudo, ^{irei} vou pedir-vos para que se juntem a mim no trabalho de reconstrução desta nação, da única forma que sempre foi feita na América nos últimos 221 anos – bloco a bloco, ^{calçada} mão ^{calçada} calosa em mão calosa. (...)

Esta eleição tinha muitas estreias e muitas histórias que serão contadas ao longo de gerações. Mas uma que está na ^{mente} nossa mente hoje é sobre uma mulher que votou em Atlanta. Ela ^{é muito} distingue-se de muitos milhões que estiveram na ^{fila} fila para fazer ouvir a sua voz nesta eleição por uma razão: Ann Nixon Cooper tem 106 anos. ^{exato}

^{seguinte à da} Ela nasceu na geração ^{da} da escravatura; num tempo em que não havia carros na estrada, ou aviões no céu; quando alguém como ela não podia votar por duas razões: porque era mulher e por causa da cor da sua pele.

E, esta noite, penso em tudo o que vi ^{durante os seus 106 anos} no centenário de vida na América – o ^{desespero} desespero e a esperança; a luta e o progresso; as vezes que nos disseram que não éramos capazes e aqueles que ^{seguraram em frente com aquela crença} mantiveram a sua capacidade de dizer: Sim, somos capazes. (...)

^{Americana} Nós podemos

Numeras linhas
Inscrição de Obama

Barack Obama, in www.jn.pt

Textos dos discursos antes das alterações.

Ficha de trabalho 11

Gramática

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Lê o seguinte texto.

Discurso de Malala Yousafzai no Prémio Nobel da Paz

Excelentíssimas majestades, ilustres membros do Comité Nobel norueguês, queridos irmãos e irmãs, hoje é um dia de grande felicidade para mim. Sinto-me honrada por ter sido distinguida pelo Comité Nobel com este precioso prémio. [...]



5 Sinto muito orgulho em ser a primeira pastó¹, a primeira paquistanesa e a primeira adolescente a receber este prémio. E tenho também a certeza absoluta de ser a primeira pessoa a receber um Nobel da Paz que ainda briga com os seus irmãos mais novos. Eu quero que a paz esteja em todo o lado, mas os meus irmãos e eu ainda estamos a trabalhar nisso. [...]

10 Este prémio não é só meu. É das crianças esquecidas que querem educação. É das crianças assustadas que querem paz. É das crianças sem voz que querem mudanças.

Estou aqui para defender os seus direitos, para lhes dar voz... Não é hora de termos pena delas. É hora de agirmos, para que seja a última vez que vejamos uma criança privada de educação. [...]

15 A educação é uma das bênçãos da vida – e uma das suas necessidades. Essa tem sido a minha experiência durante os meus dezassete anos de vida. No meu lar paradisíaco, no vale de Swat, sempre adorei aprender e descobrir coisas novas. Lembro-me de que, quando as minhas amigas e eu decorávamos as mãos com hena para as ocasiões especiais, em vez de desenharmos flores e padrões, pintávamos as mãos com fórmulas e equações matemáticas. [...]

20 Mas as coisas mudaram. Quando eu tinha dez anos, Swat, que era um recanto de beleza e turismo, de repente transformou-se num lugar de terrorismo. Mais de quatrocentas escolas foram destruídas. As mulheres foram açoitadas. Pessoas inocentes foram assassinadas. E os nossos belos sonhos transformaram-se em pesadelos. [...] A educação deixou de ser um direito e passou a ser um crime. As raparigas foram impedidas de frequentar a escola.

25 Eu tinha duas opções. A primeira era permanecer em silêncio e esperar para ser assassinada. A segunda era erguer a voz e depois ser assassinada. Escolhi a segunda. [...]

Não podíamos continuar a ver as injustiças cometidas pelos terroristas, a negarem-nos os nossos direitos, a matarem cruelmente as pessoas e a fazerem mau uso do islão. Decidimos erguer as nossas vozes e dizer-lhes: «Não sabem que, no Alcorão, Alá diz que se matares uma pessoa é como se matasses a humanidade inteira?» [...]

30 Embora eu pareça ser apenas uma rapariga [...], eu não sou uma voz solitária, eu sou muitas vozes. [...] Eu sou uma de entre 66 milhões de raparigas que estão privadas de educação. [...]

Neste século XXI, temos de ser capazes de dar a todas as crianças uma educação de qualidade. [...]

Todos temos de contribuir. Eu. Tu. Nós. É o nosso dever.

35 Deixem-nos ser a primeira geração a decidir ser a última que vê salas de aula vazias, infâncias perdidas e potenciais desperdiçados.

Malala Yousafzai, 10/12/2014 (texto traduzido)
(disponível em www.nobelprize.org, consultado em janeiro de 2016).

¹ Pastó: grupo etnolinguístico do Afeganistão e do Paquistão.

Ficha de trabalho 12

Gramática

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Lê o seguinte texto.

Discurso de vitória de Barack Obama

Se alguém ainda duvida que a América é o lugar onde tudo é possível, se ainda questiona se o sonho dos nossos fundadores ainda está vivo, se ainda questiona o poder da nossa democracia, tem nesta noite a resposta.

- 5 Foi a resposta dada pelas filas que se estendiam à volta das escolas e igrejas em números que a nossa nação nunca viu antes, feitas por pessoas que esperaram três a quatro horas, muitas pela primeira vez nas suas vidas, porque acreditavam que desta vez era diferente, que as suas vozes podiam fazer a diferença. [...]

- 10 Levou muito tempo, mas esta noite, graças ao que fizemos hoje, nesta eleição e neste momento decisivo, a mudança chegou à América. [...]

O caminho que nos espera é longo. A nossa subida, difícil. Podemos não chegar lá num ano, ou mesmo num mandato, mas, América, nunca tive tanta esperança como a que tenho hoje de que chegaremos lá. Prometo-vos, que como povo chegaremos lá.

- 15 Teremos contrariedades e falsas partidas. Haverá muitos que não irão concordar com todas as decisões que tomarei como presidente, e sabemos que o governo não é capaz de resolver todos os problemas.

- 20 Mas serei sempre honesto convosco em relação aos desafios que enfrentarmos. Irei ouvir-vos, principalmente quando discordarmos. E, acima de tudo, irei pedir-vos que se juntem a mim no trabalho de reconstrução desta nação, da única forma que sempre foi feita na América nos últimos 221 anos – tijolo a tijolo, mão calejada em mão calejada. [...]

- 25 Esta eleição teve muitas estreias e muitas histórias que serão contadas ao longo de gerações. Mas uma que está na minha mente hoje é sobre uma mulher que votou em Atlanta. Ela é muito semelhante aos milhões que estiveram nas filas para fazerem ouvir as suas vozes nesta eleição, exceto por uma coisa: Ann Nixon Cooper tem 106 anos.

Ela nasceu na geração seguinte à da escravidão; num tempo em que não havia carros na estrada nem aviões no céu; quando alguém como ela não podia votar por duas razões: porque era mulher e por causa da cor da sua pele.

- 30 E, esta noite, penso em tudo o que viu durante os seus cem anos de vida na América – o desgosto e a esperança; a luta e o progresso; as vezes que nos disseram que não éramos capazes e aqueles que seguiram em frente com aquela crença americana: Sim, nós podemos. [...]



Barack Obama, 04/11/2008 (texto traduzido)
(disponível em <http://abcnews.go.com>, consultado em janeiro de 2016).

Textos dos discursos depois das alterações.